CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

O PENSAMENTO CIENTÍFICO DE NINA RODRIGUES E A CONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS COM RELAÇÃO AO NEGRO

Vera Lucia Martins de Moraes

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Etnicorraciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

Orientador:

Prof. Dr. Mario Luiz de Souza

Rio de Janeiro
Agosto de 2014

O PENSAMENTO CIENTÍFICO DE NINA RODRIGUES E A CONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS COM RELAÇÃO AO NEGRO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Etnicorraciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

Vera Lucia Martins de Moraes

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dr. Mario Luiz de Souza (orientador)

Prof. Dra. Maria Renilda Nery Barreto

Prof. Dr. Amilcar Araujo Pereira (UFRJ)

Prof. Dr. Alvaro Senra

Rio de Janeiro
Agosto de 2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

M827 Moraes, Vera Lucia Martins de
O pensamento científico de Nina Rodrigues e a construção dos estereótipos com relação ao negro / Vera Lucia Martins de Moraes.—2014.
xi, 62f. + anexos : il. p&b. , tabs. ; enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2014.
Bibliografia : f. 60-62
Orientador : Mario Luiz de Souza

1. Racismo – Brasil. 2. Negros – Brasil. 3. Rodrigues, Nina, 1862-1906. 4. Miscigenação. I. Souza, Mario Luiz de (Orient.). II. Título.

CDD 305.896081

Dedicatória

Para Maíra Moraes

Agradecimento

Devo começar os agradecimentos pelas pessoas responsáveis pela minha retomada aos estudos acadêmicos, que me fizeram acreditar que ainda não era o meu momento de parar: Cristina Prates, companheira de trabalho na Universidade Veiga de Almeida, Roberto Borges, querido amigo, que me estimulou para ingressar no programa de mestrado em relações Etnicorraciais e Renilda Barreto, amiga de fé, brilhante pesquisadora que sempre esteve alerta para que eu não desistisse do curso e não parasse de pesquisar.

Às amigas-irmãs Fátima Ivone Ferreira e Muza Clara Velasques pelo carinho, dedicação e paciência comigo; lendo e fazendo as correções necessárias do meu texto de trabalho: o meu agradecimento. Ao amigo José Roberto Franco Reis, obrigada pelo carinho e amizade que sempre me dedicou. Aos queridos Diana Leão, Luiza Barriga, Paulo Roberto Nascimento, Mia Cristina e Helena, obrigada pela preocupação, amizade e carinho durante todo o tempo em que estive envolvida com minha pesquisa.

Não posso esquecer do amigo Ricardo Antônio de Souza Mendes, obrigada pela sua ajuda nos primeiros momentos, quando ainda estava pensando na construção do projeto para o ingresso no mestrado.

Às amigas da Veiga de Almeida: Joyce, Elizabeth, Lurdes, Rosa Alba, Penélope, Rozanne: obrigada pela força, pelo apoio que vocês sempre me deram. Aos queridos Wallace Andrade e João Carlos Maia, obrigada pelo carinho de vocês.

Meus amigos da primeira turma do mestrado em Relações Etnicorraciais, agradeço a oportunidade de convivência, de troca de conhecimentos que pude ter com vocês.

Aos professores do programa do mestrado em Relações Etnicorraciais que me ensinaram a perceber um mundo maior, a estabelecer múltiplos diálogos com tamanha sapiência, o meu muito obrigada, tenham a certeza de que vocês foram muito importantes na minha vida.

Agradeço ao professor Amilcar Araujo Pereira, pela ajuda na orientação de leituras quando qualifiquei meu trabalho e pela oportunidade de tê-lo de volta integrando a banca de avaliação da defesa da minha dissertação de mestrado.

Aos professores Álvaro Senra e Renilda Barreto, componentes da minha banca meu eterno carinho pela amizade, compreensão e por tudo que pude aprender com vocês

Ao meu orientador Mario Luiz de Souza, dedico todo o agradecimento possível pela sua competência, paciência e carinho; quando nos momentos mais difíceis que passei, contei com sua ajuda e tranquilidade. Mário, obrigada.

Concluindo os agradecimentos confesso que: de fato este trabalho não aconteceria não fosse o amor dessas criaturas de me entenderam, nos meus momentos de nervosismo, acreditando sempre no possível, depositando em mim o maior crédito, de mãe guerreira, que não foge da luta. Para Maíra, Kaio e Alexandre o meu 0-muito obrigada.

Epígrafe

Todos os movimentos sociais, incluído o dos negros, lutam pela justiça social e por uma redistribuição equitativa do produto coletivo. Numa sociedade hierarquizada como a brasileira, todos encontram dificuldades para mobilizar seus membros em torno da luta comum para transformar a sociedade.

Kabengele Munanga

RESUMO

O PENSAMENTO CIENTÍFICO DE NINA RODRIGUES E A CONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS COM RELAÇÃO AO NEGRO

Vera Lucia Martins de Moraes

Orientador:

Prof. Dr. Mario Luiz de Souza

Resumo da dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Relações Étnicorraciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

O presente estudo tem como objetivo analisar o pensamento de Nina Rodrigues e sua contribuição para a construção de estereótipos com relação ao negro e ao mestiço com base na ciência de sua época- na passagem do século XIX para o XX- num contexto pós-abolição onde as teorias racialistas, vindas do exterior, tinham uma repercussão muito grande entre a intelectualidade brasileira. A obra de Nina Rodrigues enfatizou a diferença entre as raças e o risco da degeneração que a sociedade brasileira corria por conta da mestiçagem. Nossa análise teve como referência os seguintes trabalhos do citado cientista: *Contribuição para o estudo da lepra na província do Maranhão*- artigos publicados na Gazeta Médica da Bahia (1888/1889)-, o livro *As Raças Humanas e a responsabilidade penal*, 1894 e o artigo *Mestiçagem, Degenerescência e crime,* 1899. Concluímos que os estudos aqui analisados mantêm um diálogo, se complementam e contribuem para mostrar como a questão da raça se constituiu no esforço maior das pesquisas e atuação intelectual de Nina Rodrigues.

Palavras-chave:

Racialismo; Mestiçagem; Estereótipos com relação ao negro.

Rio de Janeiro
Agosto de 2014

ABSTRACT

THE SCIENTIFIC THINKING OF NINA RODRIGUES AND THE CONSTRUCTION OF STEREOTYPES IN RELATION TO BLACK

Vera Lucia Martins de Moraes

Advisor:

Prof. Dr. Mario Luiz de Souza

Abstract of dissertation submitted to the Programa de Pós-graduação em Relações Étnicorraciais - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca CEFET/RJ as part of the requirements necessary to obtain a Master's degree.

The present study aims to analyze the thought of Nina Rodrigues and his contribution to the construction of stereotypes in relation to black and mestizo people based in the science of his time- in the late XIX century to the XX- in a post-abolition context where racialists theories, coming from abroad, had a very big repercussion among Brazilian intellectuals. The work of Nina Rodrigues emphasized the difference between the races and the risk of degeneration that the Brazilian society was running due to mestizaje. Our analysis had as reference the following works of the cited Scientist: *Contribuição para o estudo da lepra na província do Maranhão*- papers published in the Gazeta Médica da Bahia (1888/1889)-, the book *As Raças Humanas e a responsabilidade penal*, 1894 and the paper *Mestiçagem, Degenerescência e crime,* 1899. We conclude that these studies analyzed maintain a dialogue, complement each other and contribute to show how the issue of race has become the largest effort of the researches and intellectual activity of Nina Rodrigues.

Keywords:

Racism; Mestizaje; Stereotypes in relation to Black.

Rio de Janeiro
August of 2014

Sumário

Introdução 01

I Raça, Racismo e Racismo no Brasil 03

I.1 A construção social dos conceitos de raça e racismo 03

I.2 Novos tempos e a luta pela inclusão social 13

II O papel das raças nas abordagens sociais, na passagem do século XIX para o XX, e sua repercussão no Brasil: raça e progresso; uma tradução brasileira 15

II.1 As influências do pensamento autoritário para a construção da Nação Brasileira 18

II.2 A entrada e desenvolvimento das ideias racistas no Brasil: dos jesuítas até 1930 20

II.3 A valorização das ideias que desqualificavam o povo brasileiro 23

II.4 O branqueamento 25

III O Pensamento de Nina Rodrigues contribuindo para a confirmação dos estereótipos com relação ao negro brasileiro 30

III.1 A trajetória de Nina Rodrigues 34

III. 2 Nina Rodrigues como pensador social 36

III.3 Reflexões sobre uma obra perdida de Nina Rodrigues: um estudo de caso em Serrinha (BA) 44

Conclusão 56

Referências Bibliográficas 60

Anexo I 63

Anexo II 64

Anexo III 65

Anexo IV 66

Anexo V 67

Anexo VI 68

Anexo VII 69

Anexo VIII 70

Anexo IX 71

Anexo X 72

Lista de Figura

FIG. III.1 Congregação da Faculdade de Medicina em 1903, três anos antes da morte de Nina Rodrigues. Ele é o último à direita, em pé 35

Lista de Tabelas

TAB. III.1 Estatística dos pacientes com lepra do Hospital dos Lazaros, província do Maranhão, no período de 1870 a 1888 39

TAB. III.2 Estatística dos pacientes com lepra do Hospital dos Lázaros e de Anajatuba, no ano de 1888 40

TAB. III.3 Estatística geral dos pacientes com lepra em diferentes províncias, no ano de 1888 40

Introdução

Nosso objeto de estudo, o pensamento de Raimundo Nina Rodrigues[1] como formulador de ideias, sobre a sociedade brasileira, que apontavam para o perigo da degenerescência de um povo marcado pela miscigenação é um tema bastante atualizado. Esse pensamento não foi vitorioso na construção do Estado republicano mas, está ainda tão presente entre nós, que merece ser retomado. Consideramos um grande desafio rever leituras tão polêmicas e consideradas de forma negativa na atualidade e, até mesmo na época em que Nina Rodrigues viveu.

O ano de 2006- centenário da morte de Nina Rodrigues- serviu de referência para pesquisadores das ciências humanas e sociais iniciarem um debate para repensar a obra de Nina Rodrigues. Em artigo, desse ano, Schwarcz (2006) faz o seguinte comentário:

> *No entanto, as posições desse médico, professor da Escola de Medicina da Bahia, mesmo em sua época, sempre foram de difícil doma. De um lado, é evidente a sua aceitação das teses do Darwinismo social e da antropologia criminal, bem como da concepção de que hierarquias rígidas marcariam as diferenças internas existentes entre as raças. De outro, lado porém, é igualmente evidente a tentativa de Nina Rodrigues de "pensar a diferença" e, sobretudo, nomeá-la. É certo que sua defesa da existência de dois códigos penais, em As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil, de 1894, é um exemplo das certezas que grassavam nessa época marcada por determinismos. No entanto, a leitura cuidadosa desse texto aponta, também, para os impasses da ideia de diferença e as decorrências de sua aceitação. (SCHWARCZ, 2006, p.47)*

Segundo Schwarcz (2006), o marco do centenário da morte de Nina Rodrigues pode ser, assim, uma excelente oportunidade para fazer um exercício de história da ciência, pensando os cientistas em seus próprios contextos e, de certa maneira, presos a seus cânones.

Dividimos nosso trabalho em três capítulos. Sendo, o capítulo I dedicado a uma discussão teórica sobre Raça, Racismo e Racismo no Brasil, a partir da leitura de obras de autores como Kabengele Munanga, Schwarcz, Sérgio Costa, Appiah, Amilcar Pereira, Stuart Hall.

O capítulo II será dedicado a uma reflexão sobre o papel das raças nas abordagens sociais, na passagem do século XIX para o XX, e sua repercussão no Brasil: raça e progresso- uma tradução brasileira. Pretendemos assinalar como viajantes, cronistas, padres e intelectuais, desde o período colonial até o século XIX, pensaram e apresentaram a sociedade

[1] Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), nasceu no Maranhão e, em 1882 matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia. Estudou também no Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1887. No ano de 1888, clinicou em São Luís e, nos anos seguintes atuou como médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia; onde realizou a maior parte de sua produção acadêmica. CORRÊA, Mariza. Raimundo Nina Rodrigues e a" garantia da ordem social". Revista USP, São Paulo, n.68, p.132, dezembro/fevereiro 2005-2006.

brasileira, assim como, na passagem do século XIX para o XX, momento em que nossa intelectualidade disputou posição para a apresentação de um projeto de construção da nação e do povo brasileiro; através de leituras de Schwarcz, Cardoso, Ramos e Maio, Ricardo Santos Ventura, Skidmore.

No capítulo III, O pensamento de Nina Rodrigues e a construção dos estereótipos com relação ao negro, destacamos alguns artigos publicados na Gazeta Médica da Bahia, sobre o estudo da lepra no Maranhão (1888/1889), pois a questão racial é bem evidenciada na discussão geral sobre a doença. Outras questões como a saúde, moradia, alimentação da população pobre do Maranhão, presentes nestes artigos, também serão discutidas. Um Outro trabalho importante para nossa pesquisa foi a obra *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal* (1894), onde Nina Rodrigues expõe seu pensamento sobre a diferença entre as raças e a necessidade da elaboração de dois códigos penais, já que considerava que as raças inferiores não estavam preparadas para o livre arbítrio. Completando com o artigo *Mestiçagem, Degenerescência e Crime (1899*); trabalho pioneiro porque consistiu em observação direta da população de Serrinha- cidade do interior da Bahia- para confirmar, de acordo com o pensamento de Nina Rodrigues, um resultado já apresentado em estudo anterior, As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal, sobre a inferioridade dos negros e mestiços

Capítulo I – Raça, Racismo e Racismo no Brasil

I.1 A construção social dos conceitos de raça e racismo

Podemos encontrar comportamentos e práticas excludentes nas diferentes organizações sociais ao longo da História. Na antiguidade, se pensarmos nos povos escravistas, como gregos e romanos, que serviram de referência cultural e civilizatória para épocas posteriores, normalmente se referiam aos "outros" com desprezo. Os romanos chamavam a todos aqueles que viviam fora das fronteiras do Império de "bárbaros", no sentido de atrasados, incultos. Desprezavam o trabalho manual, visto como tarefa de escravo, ficando muito clara uma distinção, nesse mundo Greco-romano, entre seres livres e não livres e a superioridade e inferioridade entre os homens. Essa diferença, porém, não ficava marcada pela cor da pele e, de acordo com Pereira (2013), para a matriz grega, a diferenciação entre os homens se daria, primordialmente, em função de um aspecto cultural: "[...] quem não era cidadão da polis grega, e portanto civilizado, era considerado "bárbaro". A idéia do ethos grego, opondo civilizados a bárbaros está nas raízes do etnocentrismo, que é anterior ao racismo. (*PEREIRA, 2013, p.54).* A partir do século XVI, o conceito de "raça"[2] começou a ser pensado para diferenciar os europeus dos "outros", sendo ampliado pelos séculos XVII e XVIII e, tomou forma, como teoria "científica," no século XIX.

O expansionismo marítimo e comercial europeu, a partir do século XV, iniciado por Portugal, seguido pela Espanha, além de encontrar novas rotas de viagem em direção ao Oriente teve como desdobramento a conquista e ocupação das terras d'além mar que foram denominadas, pelos europeus, de América. Para os povos europeus que deram início ao processo de colonização da América, no século XVI, essas terras apresentavam atrativos naturais de grande importância e, portanto, não deveriam ser desprezadas. A ocupação européia das terras americanas criou, desde o início, um clima de competição entre os vários Estados (França, Inglaterra e Holanda) que passavam a enviar navegadores em viagens de corso e pirataria além de, expedições científicas e de pesquisa de recursos minerais. Segundo Schwarcz (2001), a descoberta da América parece ter sido o feito mais glorioso da história moderna ocidental, que se abria para esses novos territórios, maravilhosos mas assustadores; tudo isso numa época em que era bem melhor "ouvir" do que "ver", e ainda melhor "ouvir dizer. Os recursos da natureza lembravam o "paraíso"; enquanto que, a população encontrada, denominada de índios simbolizava o inferno: "[...] Essa humanidade diversa, que lembrava o

[2] Etmologicamente, o conceito de raça veio do italiano razza, que por sua vez veio do latim ratio, que significava sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, Carl Von Linné, conhecido em português como Lineu (1707-1778), o usou para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação hoje inteiramente abandonada.MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. Disponível em: www.ufmg.br/inclusaosocial;Acesso em 28/05/2010.

negro dos escravos africanos e o amarelo dos povos indígenas, que praticava o canibalismo e a feitiçaria e agia com lascívia, devia ser condenado." (SCHWARCZ, 2001, p.15)

A presença de europeus na América a partir do século XVI, como conquistadores e colonizadores abriu o caminho para inúmeras especulações acerca das populações que viviam no continente chamado de "Novo Mundo". Segundo Munanga, em palestra proferida no 3º Seminário de Relações Raciais e Educação- PENESB-RJ, em 05/11/03: "[...] descobertas do século XV colocam em dúvida o conceito de humanidade até então conhecida nos limites da civilização ocidental. Que são esses recém descobertos? (ameríndios, negros, melanésios, etc?) São bestas ou são seres humanos como "nós", os europeus?"

Os comentários feitos pelos europeus que vinham para o Brasil eram sempre no sentido de inferiorizar tanto o nativo como o africano. De acordo com Schwarcz (2001), Gândavo cronista do século XVI, descrevia a natureza como um paraíso. Mas, o povo que aqui vivia não tinha Fé, nem Lei, nem Rei. (*SCHWARCZ, 2001,* p. 16)

Além de Gândavo, outros cronistas, viajantes e padres também viam nos nativos comportamentos que se distanciavam do humano, tais como: canibalismo, excesso de sensualidade, poligamia, preguiça e muitos outros hábitos do mal.

Existiram visões mais positivas sobre os nativos como, por exemplo, a de Thevet, na Cronologia Universal, onde afirmava que os selvagens teriam noções definidas do bem e do mal. Léry avança ainda mais nesse tipo de concepção ao descobrir a "sensatez" em tais homens. Para dar maior realce às visões positivas sobre o homem americano, durante o século XVI, convém destacar:

> *Foi tomando por base o relato de Léris, que Montaigne concebeu o seu ensaio "Os Canibais", em 1580. Pautado pelas guerras de religião, que assolava a Europa no século 16, o filósofo francês fez de seu texto um exercício de relatividade, quando encontrou mais lógica na maneira como os tupinambás realizavam a guerra do que nos hábitos dos ocidentais. Em alguns momentos do texto o pensador desabafa: "Mas, voltando ao assunto, não vejo nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos; e, na verdade, cada qual considera bárbaro o que não pratica em sua terra...Por certo em relação a nós são realmente selvagens, pois entre suas maneiras e as nossas há tão grande diferença que ou o são ou o somos nós. Por detrás das palavras de Montaigne fica evidente de que maneira a alteridade apresentada por esses homens punha em xeque as próprias certezas arraigadas do momento. (SCHWARCZ, 2001, p.17)*

Mesmo acreditando na superioridade do europeu o pensamento de Montaigne é um bom exemplo de como o encontro de povos "diferentes" causou, para alguns, um pouco de angústia por não saberem explicar a existência desse homem americano.

Empenhados em defender o homem americano, em nome da Companhia de Jesus e dos reis dos Estados Ibéricos, os jesuítas no compromisso da catequização dos povos indígenas procuraram explicar a existência desses povos exercendo o papel de protetores dos nativos contra os colonos. O trabalho dos padres foi sempre o de levar ao "gentio" a fé cristã, a

cultura ocidental, a defesa da liberdade dos índios, contra os abusos dos colonos, promovendo assim, condições de convívio na sociedade colonial em formação, de acordo com a lógica do colonizador. Com relação aos negros escravizados, não havia por parte dos padres um discurso de condenação a tal prática. Tomando como referência a Bíblia encontravam palavras para justificar a situação dos negros na colônia; que eram vistos como peças de trabalho. Vale citar Padre Antonio Vieira (1608-1697) que num dos capítulos de sua obra *Sermões* (XIV), realça o sofrimento dos pretos, vindos à Terra com a missão semelhante a de Cristo: a do sofrimento em busca da redenção. Segundo Hofbauer (2006), Vieira chama o trabalho no engenho de "doce inferno" e ao construir paralelismos bíblicos procura transformar os sofrimentos constatados numa proposta de solução espiritual para a condição negra e escrava.

> *Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado...Imitatorubus Christi crucifixi- porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz, e em toda a sua paixão. [...] a paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isso se compõe a vossa imitação, que se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio. (HOFBAUER, 2006, p. 42, apud. VIEIRA, 1940, p. 31)*

No texto de Vieira fica bem clara a intenção do autor em mostrar o lugar dos negros na sociedade colonial usando um discurso de convencimento para o sofrimento como caminho para a Glória após a morte.

No século XVIII, outro jesuíta, o italiano João Antônio Andreoni (Antonil), segundo Schwarcz (2001), afirma que o Brasil representaria uma espécie de transição entre a terra da escravidão e do pecado (localizados na África) e o Céu: espaço de libertação por excelência. Na sua famosa formulação- "o Brasil é o inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos mulatos e das mulatas; salvo quando, por alguma desconfiança ou ciúme o amor se muda em ódio e sai armado de todo o gênero de crueldade e rigor[3]" procurava lançar a ideia de que a colonização acompanhada da catequese salvaria essa humanidade inferior; composta tanto de negros como de índios.

Na Europa, no século XVIII, principalmente a partir dos anos 50, o conceito de "raça" começa a ser construído, contando com o acúmulo de relatos e opiniões sobre a existência do "outro"- habitante do continente americano- tanto no que se refere ao nativo, como ao grupo que foi transplantado do continente africano para trabalhar como escravo na América.

Do Iluminismo, representado por J.J. Rousseau vem uma interpretação positiva sobre o homem americano chamado de o "bom selvagem".

---

[3] ANDREONI, João Antônio. Cultura e opulência do Brasil. 2ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, s.d., p.160.

> *Tal qual uma idealização por contraposição, o nativo americano (em especial sul-americano) surgia no Discurso Sobre a Origem e o Fundamento da Desigualdade Entre Homens (1775) como um modelo, melhor para pensar a civilização ocidental do que sua própria natureza. O "bom selvagem" representava, aliás, um exemplo de humanidade ainda não- conspurcada, pura em sua essência e positividade (SCHWARCZ, 2001 p.18).*

A discussão sobre a diferença entre os homens ganhava fôlego no século XVIII, tomando como referência, principalmente o homem americano; porém, não havia consenso de idéias. Se por um lado, encontramos no pensamento de Rousseau e nos trabalhos e viagens pela América, realizados por Humboldt, uma visão positiva dessa parte do mundo, (ou seja: a idéia de "perfectibilidade humana") por outro, havia nessa época pensadores que tinham uma visão pessimista do Novo Mundo e dos povos que lá viviam. É o caso de Buffon.

> *Em 1749, chegam a público os três primeiros volumes da Histoire Naturelle do conde de Buffon, que lançava a tese sobre a "debilidade" ou "imaturidade" do continente americano. Partindo da observação do pequeno porte dos animais existentes na América e do aspecto imberbe dos nativos, Buffon pretendia ter encontrado um continente infantil, retardado em seu desenvolvimento natural... (SCHWARCZ, 2001, p.19)*

Outro pensador, no ano de 1768, o abade Corneille de Paw lançava em Berlim a obra: Recherches Philosophiques sur lês Américains, onde retomava os estudos de Buffon e ia além; lançando uma nova idéia sobre o continente e os povos da América: a de "degeneração". Conforme Schwarcz (1993), a partir do século XIX, essa será a postura mais influente, estabelecendo-se correlações rígidas entre patrimônio genético, aptidões intelectuais e inclinações morais e, reforçando o pensamento de Cornneille de Paw destaca: Assolados por uma incrível preguiça e pela falta de sensibilidade, por uma vontade instintiva e uma evidente fraqueza mental, esses homens seriam "bestas decaídas", muito afastadas de qualquer possibilidade de perfectibilidade ou civilização. (SCHWARCZ, 2001, p.20)

Essa idéia foi muito bem aproveitada pelos teóricos racistas do século XIX que, a partir do desenvolvimento da ciência, buscaram os argumentos necessários para justificar a superioridade e inferioridades dos povos, na medida em que a idéia de degenerescência foi suplantando a de perfectibilidade quando se tratava dos povos indígenas e africanos ou da mestiçagem que ocorreu entre eles. Para argumentar essas idéias, o Evolucionismo, o Positivismo e o Darwinismo foram teorias que tiveram muito sucesso entre pensadores, do século XIX, criando as condições para a construção do conceito de "raça". Portanto, se desde o século XVI a idéia da diferença da humanidade já vinha sendo exposta, através dos viajantes, cronistas, padres, filósofos, geralmente, de forma a desvalorizar a parte não européia da humanidade, foi só no século XVIII e, principalmente no XIX, que o conceito de "raça passou a ter o respaldo da ciência.

No ocidente, desde época muito recuada, havia a crença de que o clima ou a geografia influenciavam na organização e desenvolvimento dos povos. Essa idéia passou a ser

defendida com mais convicção, no século XIX, pelos teóricos que passavam a propagar o Determinismo climático ou geográfico influenciando o comportamento dos povos e associavam a isso, mais um determinismo: o racial.

Segundo Ramos e Maio (2010), uma das razões para a difusão, no século XIX, das explicações deterministas, tanto climáticas como raciais, para as diferenças humanas é que elas serviam de contraponto às teorias que defendiam a igualdade política e legal entre os indivíduos. Reforçando essa ideia, destacamos o trecho abaixo:

> *Era exatamente essa a tese de Nina Rodrigues quando em 1906 dessa maneira pronunciava-se na 'Gazeta médica':" Não pode ser admissível em absoluto a igualdade de direitos sem que haja ao mesmo tempo, pelo menos, igualdade na evolução...No homem alguma cousa existe além do indivíduo... Fazer-se do indivíduo o princípio e o fim da, sociedade, como sendo o espírito da democracia, é um exagero da democracia, é um exagero da demagogia... As ideias da Revolução francesa até hoje não se puderam conciliar pois abherrant inter se..." (SCHWARCZ, 1994, p.146).*

O pensamento de Nina Rodrigues sobre o negro e o mestiço que está realçado nesse trabalho foi muito influenciado, pelas teorias racialistas do século XIX, que davam ênfase às maiores possibilidades de degenerescência dos povos negros e mestiços. Porém, como assinalamos, não houve unanimidade nessa forma de pensar no ocidente, na América do Norte e nem no Brasil, desde o século XVIII.

Os ideais humanitários do século XVIII, não chegaram a obter consenso entre a intelectualidade européia mas, abriram o caminho para a luta por igualdade de direitos civis, políticos e sociais entre os homens. Liberdade, Igualdade e Fraternidade eram palavras de "Ordem" vindas da Revolução Francesa; movimento que na sua fase radical levou o povo ao poder. Porém, a contra-revolução garantiu a vitória da burguesia francesa e a consolidação do Estado Liberal e das instituições burguesas de controle da sociedade. O pensamento racialista, a partir do século XIX, elaborado pelos naturalistas escorados na ciência, se distinguia dos relatos feitos pelos cronistas do século XVI que só se preocupavam com a narração.

> *O discurso racial surgia, dessa maneira, como variante do debate de sobre cidadania, já que no interior desses novos modelos discorria-se mais sobre as determinações do grupo biológico do que sobre o atributo do indivíduo entendido como "um resultado, uma reificação dos atributos específicos da sua raça" (SCHWARCZ, 2010: p.47, apud, GALTON, 1869/1988:86).*

Assim, a discussão sobre a origem da humanidade é retomada, no século XIX. Para Ramos e Maio (2010), tornou-se extremamente importante naquele momento em razão de as diferenças entre os povos terem alcançado um lugar central no imaginário europeu. Apresenta-

se através de duas correntes: monogenista e poligenista. A visão monogenista[4] prevaleceu até meados do século XIX e estava fundamentada, principalmente, na Bíblia. Apresentava os homens como iguais na sua origem por ser de base divina. Mas, essa visão abria brechas para encontrar possibilidades de degeneração no conjunto da espécie humana; porque embora sendo ela de origem única, existiam os que estavam mais próximos do Éden, ou seja: da perfeição e os que estavam mais distantes, no caso: da imperfeição. A visão poligenista[5] ganha força a partir de meados do século XIX e de certa forma vai atender melhor às necessidades dos estudos da época, com grande desenvolvimento da biologia e a necessidade de contestar o pensamento da igreja sobre a origem do homem. Essa tendência foi bastante fortalecida pelo surgimento da frenologia e da antropometria.[6]

O debate entre monogenistas e poligenistas declinou quando, em 1859 foi lançada a obra, de Charles Darwin, A origem das Espécies. O trabalho de Darwin se tornou referência na época. A teoria de Darwin, no campo da biologia, contemplava a idéia da evolução das espécies que através de um processo de seleção natural, aplicado aos vegetais e animais, sobreviveriam os mais fortes e seriam eliminados os mais fracos. O pensamento de Darwin foi distorcido por Herbert Spencer atendendo a interesses de teóricos racistas, dando origem ao darwinismo social. Segundo Schwarcz, a novidade estava, dessa forma, não só no fato de as duas interpretações assumirem o modelo evolucionista como em atribuírem ao conceito de raça uma conotação bastante original, que escapa da biologia para adentrar questões de cunho político e cultural (SCHWARCZ, 2010**,** p**.**55). Nesse caso, era associado ao conceito biológico de raça questões como: diferentes níveis mentais e morais.

O Darwinismo, segundo Schwarcz (2010), "forneceu uma nova relação com a natureza e, aplicado a várias disciplinas sociais- antropologia, sociologia, história, teoria política e economia-, formou uma geração social-darwinista. Ocorreu, portanto, um desvio da teoria de Darwin do campo da biologia para o das ciências humanas e sociais". Convém destacar:

> *No entanto, não são poucas as interpretações de a Origem das Espécies que desviam do perfil originalmente esboçado por Charles Darwin, utilizando as propostas e conceitos básicos da obra para a análise do comportamento das sociedades humanas. Conceito como "competição", "seleção do mais forte", "evolução" e "hereditariedade" passavam a ser aplicados aos mais variados ramos do conhecimento: na psicologia, com H. Magnus e sua Teoria sobre as cores, na lingüística, com Franz Bopp e sua procura das raízes comuns da*

[4] Visão monogenista: Dominante até meados do século XIX, congregou a maior parte dos pensadores que, conformes às escrituras bíblicas acreditavam que a humanidade era uma. O homem segundo essa versão, teria se originado de uma fonte comum, sendo os diferentes tipos humanos apenas um produto "da maior degeneração ou perfeição do Éden" (SCHWARCZ, 2010, p.48- QUATREFAGE, 1857, apud STOCKING, 1968).

[5] Visão Poligenista: a partir de meados do século XIX fortalecimento de uma interpretação biológica na análise dos comportamentos humanos, que passam a ser crescentemente encarados como resultado imediato de leis biológicas e naturais. (idem, p. 48)

[6] Frenologia e antropometria: adotadas pelos pensadores poligenistas a partir de meados do século XIX, são teorias que passavam a interpretar a capacidade humana tomando em conta o tamanho e proporção do cérebro dos diferentes povos. Ao mesmo tempo, uma nova craniologia técnica, que incluía a medição do índice cefálico (desenvolvida pelo antropólogo suíço Andrés Ratzius em meados do século XIX), facilitou o desenvolvimento de estudos quantitativos sobre as variedades do cérebro humano. SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças- Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil- 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.48-49.

> *linguagem; na pedagogia com os estudos do desenvolvimento infantil... para não falar da Sociologia evolutiva de Spencer e da história determinista de Buckle. (SCHWARCZ, 2010, p.56)*

O Darwinismo social também contribuiu para justificar a política de dominação empreendida pelas grandes potências européias e pelos Estados Unidos a partir das últimas décadas do século XIX e início do XX. Essas nações anunciavam que haviam atingido o estágio da Civilização e portanto, consideravam-se responsáveis pela ajuda a àquelas que estavam distantes de tal realidade. Portanto, civilização e progresso era a palavra de ordem a partir das últimas décadas do século XIX. Num mundo globalizado essa palavra de ordem ganhou uma roupagem nova sendo atualizada pela tecnologia.

O pensamento evolucionista do século XIX, tendo a Europa como centro do mundo, apresentava a sociedade humana divida em estágios: selvageria, barbárie e civilização e pelo processo seletivo, em algum momento, todos chegariam à civilização. Era um bom pretexto para oferecer ajuda e tirar proveito das riquezas alheias. O grande passo dado por essas potências foi a partilha da África e da Ásia a partir das últimas décadas do século XIX.

> *A idéia de raça do século XIX "(...) insinuou-se na tapeçaria da história mundial e adquiriu um significado político e social que é largamente, embora não completamente, independente do significado que pode ser atribuído ao conceito de raça na ciência biológica" (PEREIRA, 2013, p. 53, apud. BANTON, 1977, p.16)*

Prosseguindo a discussão sobre o tema racial, segundo Hannah Arendt (2013) "[t]oda ideologia que se preza é criada, mantida e aperfeiçoada como arma política e não como doutrina teórica (...) Seu aspecto científico é secundário" (ARENDT, 2013, p.235). Complementando:

> *A verdade histórica de tudo isso é que a ideologia racista, com raízes profundas no século XVIII, emergiu simultaneamente em todos os países ocidentais durante o século XIX, o racismo reforçou a ideologia da política imperialista. O racismo absorveu e reviveu todos os antigos pensamentos racistas, que, no entanto, por si mesmos, dificilmente teriam sido capazes de transformar o racismo em ideologia*. (ARENDT, 2013, p.233)

Retomando o século XIX, o pensamento social, que muito influenciou essa época, e a seguinte, de caráter evolucionista, permanecerá gerando debates entre monogenistas e poligenistas, em torno do aproveitamento do Darwinismo, porque ao pensarem nas possibilidades da evolução social esbarravam numa questão que se apresentava bastante séria; mas era uma realidade naquele momento: a mestiçagem.

Pensadores, preocupados com a mestiçagem humana defendiam teses que apresentavam algumas diferenças, mas que, de maneira geral destacavam a degeneração do mestiço. Essas ideias, tinham como principais representantes: Arthur Gobineau (1816-1882),

Paul Broca (1824-1880), Louis Agassiz (1807-18730, Gustave Aimard (1818-1883), Louis Couty (1854-1884). Todos esses pensadores viam a miscigenação como um mal sem cura. Gobineau, por exemplo, esteve no Brasil, entre 1869-1870, como diplomata francês, e manteve estreitas relações com D. Pedro II mas, guardou péssima lembrança do povo que encontrou. De acordo com Ramos e Maio (2010), destacamos um comentário sobre Gobineau:

> *Quando chegou aqui, já era famoso como autor do Ensaio sobre a Desigualdade das Raça Humanas (1853), um dos principais textos de doutrina racialista produzida no século XIX. O retrato do Brasil que Gobineau desenhou a partir dessa estadia foi fortemente marcado pelo determinismo climático-racial. [...] Mas, a principal deficiência do país, residia, para o autor, na natureza de seu povo, que considerava feio e inferior por foça de seu alto grau de mestiçagem. (MAIO e RAMOS, 2010, p. 31-32)*

O tipo de racialismo que acabamos de comentar serviu para influenciar alguns pensadores brasileiros como ocorreu com Nina Rodrigues.

Para estimular a discussão evolucionista das sociedades humanas surge, nas últimas décadas do século XIX, a Antropologia Cultural de Morgan, Tylor e Frazer[7]. Esses estudiosos eram evolucionistas sociais. E, partindo de estudos comparativos entre diferentes sociedades humanas passaram a entendê-las organizadas em estágios culturais diferentes: selvageria, barbárie e civilização. Essa classificação se constituiu em modelo para pensar no crescimento cultural dos povos, ou seja: atingir a civilização e o progresso, só encontrado naquele momento, numa parte do mundo: Europa. Portanto, para Schwarcz, “tratava-se de entender toda e qualquer diferença como contingente, como se o conjunto da humanidade estivesse sujeito a passar pelos mesmos estágios de progresso evolutivo”. (SCHWARCZ, 2010, p.58)

Acompanhando o evolucionismo social, surgem duas importantes escolas deterministas que vão exercer muita influencia em grande parte da intelectualidade da época e, até na formulação de teorias de Estado. A escola determinista geográfica, tendo como mais importantes representantes Ratzel e Buckle. Defendiam a tese de que o desenvolvimento de uma nação estava totalmente condicionado pelo meio. E a outra escola determinista era de caráter racial, formuladora de “teoria das raças”, chamada de “Darwinismo Social”. Segundo Schwarcz, essa nova perspectiva via de forma pessimista a miscigenação, já que acreditava que “não se transmitiriam caracteres adquiridos”, nem mesmo por meio de um processo de evolução social. (idem, p.58). Como decorrência passavam a ser valorizados “tipos puros” e considerar a mestiçagem como sinônimo de degeneração, não só racial, como também social.

Os teóricos da raça desviavam totalmente seu interesse da visão humanista e das escolas etnológicas. Seguiam os princípios da antropologia biológica e propunham:

---

[7] Lewis Henry Morgan (1818-1881, Edward Burnett Tylor (1832-1917), James George Frazer (1854-1941) são três autores clássicos do pensamento evolucionista na antropologia. CASTRO, Celso. Evolucionismo Cultural- Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de janeiro: Zahar, 2009, 2ªed. p.7

> *A primeira tese afirmava a realidade das raças, estabelecendo que existiria entre as raças humanas a mesma distância encontrada entre o cavalo e o asno, o que pressupunha também uma condenação ao cruzamento racial. A segunda máxima instituía uma continuidade entre caracteres físicos e morais determinando que a divisão do mundo entre raças corresponderia a uma divisão entre culturas. Um terceiro aspecto desse mesmo pensamento determinista aponta para a preponderância do grupo "racio-cultural" ou étnico no comportamento do sujeito, conformando-se enquanto uma doutrina de psicologia coletiva, hostil à idéia do arbítrio do indivíduo. (SCHWARCZ, 2010, p 60)*

Importante destacar como o Darwinismo Social serviu para a formulação de políticas de exclusão social que vigoram até hoje. Na época, a "teoria das raças" serviu para que os governos pensassem nas formas de submissão e até de eliminação das raças consideradas inferiores. Para atender a tal necessidade o cientista britânico Francis Galton criou a Eugenia (1883)[8]. A partir de 1880 a eugenia se constituiu num movimento científico e social vigoroso. Ficava evidente a incompatibilidade entre evolucionismo e darwinismo social. Pelo evolucionismo, havia a possibilidade de atingir a civilização, ao passo que, o darwinismo social dava um tom pessimista para a caminhada de grande parte da humanidade vista como de formação degenerada. Ficava, então, melhor entendida a idéia de perfectibilidade e de degeneração; que eram idéias brotadas no século XVIII mas, que ganharam perfeição nas últimas décadas do século XIX, com o Darwinismo social e, melhor ainda, com a teoria da eugenia. Somente as "raças civilizadas" atingiriam a perfectibilidade, aos "outros," caberia a degeneração.

Confirmamos, portanto, que o conceito de raça na sua forma mais acabada é, elaborado no século XIX, fruto do determinismo racial com a "teoria das raças": o Darwinismo Social e a sua forma mais acabada de pensar: a eugenia. A partir das características biológicas dos indivíduos, "raça pura" e "raça mestiça" foram sendo adicionados comportamentos de desequilíbrio psíquico e moral para justificar a condição de superioridade e inferioridade de determinados grupos humanos. O Darwinismo social foi bem aceito por boa parte da intelectualidade da época e até na orientação de políticas de Estado que buscavam justificativas de ação na Eugenia.

A Eugenia passa a ser a política social utilizada por muitos governos, a partir das últimas décadas do século XIX até meados do século XX, com forte propósito de promover a limpeza étnica no sentido de construir sociedades sadias. Segundo Pereira (2013):

> *A moderna idéia de raça- que associa as diferenças culturais e morais às características biológicas, genotípicas e fenotípicas, hierarquizando os diversos grupos humanos- é uma construção do pensamento científico europeu e norte-americano, que surge apenas em meados do século XVIII e se consolida a*

[8] O termo "Eugenia" eu: boa; genus: geração, criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton. Procurava provar que a partir de um método estatístico e genealógico, que a capacidade humana era função da hereditariedade e não da educação. (SCHWARCZ,1993, p60)

> *partir da segunda metade do século XIX. Justamente no período em que o imperialismo europeu se fortalecia. (PEREIRA, 2013, p. 48).*

No sentido de ampliarmos essa discussão, sobre o conceito de raça e racismo, ressaltamos importante preocupação de Appiah sobre a necessidade fazer um levantamento sobre o teor característico do racismo do século XIX:

> *Veremos de imediato que há muitas doutrinas distintas que competem pelo termo "racismo", dentre as quais tentarei articular as que considero serem as três cruciais. (Assim, usarei as palavras "racismo" e "racialismo" com os sentidos que estipulo: em alguns dialetos do inglês, elas são sinônimos- e, na maioria dos dialetos, sua definição não chega a ser precisa). A primeira doutrina é a visão – que chamarei de racialismo- de que existem características hereditárias, possuídas por membros de nossa espécie, que nos permitem dividi-los num pequeno conjunto de raças, de tal modo que os membros dessas raças compartilham entre si certos traços e tendências que eles não têm em comum com membros de nenhuma outra raça. Esses traços e tendências característicos de uma raça constituem, segundo a visão racialista, uma espécie de essência racial; e faz parte do teor do racialismo que as características hereditárias essenciais das "Raças do Homem" respondem por mais do que as características morfológicas visíveis- cor da pele, tipo de cabelo, feições do rosto- com base nas quais formulamos nossas classificações informais. O racialismo está no cerne das tentativas do século XIX de desenvolver uma ciência da diferença racial, mas parece ter também despertado a crença de outros – como Hegel, anteriormente, e Crummell e muitos africanos desde então- que não tinham nenhum interesse em elaborar teorias científicas. Em si, o racialismo não é uma doutrina que tenha que ser perigosa, mesmo que se considere que a essência racial implica predisposições morais e intelectuais. Desde que as qualidades morais positivas distribuam-se por todas as raças, cada uma delas pode ser respeitada, pode ter seu lugar "separado mas igual." O racialismo, entretanto, é um pressuposto de outras doutrinas que foram chamadas de "racismo"; e essas outras doutrinas têm sido, nos últimos séculos, a base de um bocado de sofrimento humano e a fonte de inúmeros erros morais. (APPIAH, 2010, p.32-33)*

Essas outras doutrinas que foram chamadas de "racismo", Appiah divide em: doutrinas racistas extrínsecas e doutrinas racistas intrínsecas e explica: a diferença fundamental entre os "ismos" intrínseco e extrínseco é que o primeiro declara que um certo grupo é objetivável, sejam quais forem seus traços, ao passo que o segundo fundamenta suas aversões em alegações sobre características objetiváveis. (APPIAH, 2010, p.35)

As teorias racialistas do século XIX que alimentaram o "racismo" foram tão bem construídas que de forma clara ou velada continuam presentes; através da mídia, das redes sociais, do ponto de vista de vários intelectuais e até mesmo de projetos políticos de grande alcance encaminhados pelo poder do Capital nesse mundo globalizado.

I.2 Novos tempos e a luta pela inclusão social

Não resta dúvida, que a partir dos anos 50, do século passado, ocorreram mudanças significativas no mundo. O fim da segunda guerra com a derrota de Nazi-Fascismo, o início da guerra fria, o movimento de descolonização na África e na Ásia levaram também parte da intelectualidade a produzir um discurso crítico e voltado para a inclusão social. Os grupos humanos considerados, desde o século XVI, e, principalmente a partir do XIX, por grande parte da intelectualidade e por muitos governos como sendo "degenerados", portanto, com possibilidades de serem excluídos do convívio social sadio, começavam a se organizar através dos movimentos sociais, sendo o movimento negro o de maior importância com relação à questão da raça e do racismo no Brasil e no mundo.

A partir dos anos 70, não havia como negar a importância do movimento negro, e principalmente do crescimento de uma produção intelectual que fugia das normas tradicionais da academia, de priorizar nos seus estudos a cultura dominante, passando a ter uma produção intelectual voltada para as minorias. Muitos intelectuais da diáspora, escritores africanos, asiáticos e latinos vivendo em países ricos e pertencendo ao mundo da academia, vão contribuir com uma produção intelectual, com um discurso onde a fala das minorias, vai aparecendo e sendo inserida na fala principal. A questão da diversidade, do multiculturalismo, ganha espaço e conhecimento no cenário globalizado em que vivemos. "Raça" e "etnia" passam também a ser pensadas nesse contexto como construções político-social. Segundo Hall (2009) Cada vez mais, os britânicos têm sido obrigados a pensar sobre si mesmos e suas relações com os outros no Reino Unido em termos raciais. A etnicidade também foi incluída no vocabulário doméstico britânico.

Desse modo, o conceito de "raça", concluído no século XIX, foi repensado e reconstruído a partir das últimas décadas do século XX e à luz do XXI, associado aos movimentos negros e de minorias étnicas em várias partes do mundo, como: nos Estados Unidos, e países europeus além de inúmeros movimentos sociais da atualidade. Com muita propriedade buscamos em Hall, o conceito de "raça", para entendermos a posição dos grupos sociais, localizados na periferia das culturas dominantes porém, interagindo com o centro através de sua presença, de sua produção cultural e de seus movimentos de resistência. O pensamento de Stuart Hall é voltado principalmente para o caso britânico em que procura mostrar o incessante relacionamento entre as margens e o centro. Segundo ele, existe uma crescente visibilidade da existência do "outro, que não pode mais deixar de ser notado e, destaca: além do mais, encontramos agora "raça" entre parênteses, "raça" sob rasura, "raça" em uma nova configuração com etnicidade. Esse deslocamento epistêmico, para Hall, constitui um dos efeitos mais transruptivos do multicultural:

> *Conceitualmente, a categoria "raça" não é científica. As diferenças atribuíveis à "raça" numa mesma população são tão grandes quanto àquelas encontradas entre populações racialmente definidas. "Raça" é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão- ou seja, o racismo. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza. (HALL,2009, p.66)*

O racismo, portanto, como prática discursiva, veladamente ou não tem ainda no fator genético a explicação para a exclusão. Com relação `a etnicidade", destacamos de Hall:

> *Já a "etnicidade" gera um discurso em que a diferença se funda sob características culturais e religiosas. Nesses termos, ela freqüentemente se contrapões a "raça". O racismo biológico privilegia marcadores como a cor da pele. Esses significantes têm sido utilizados também, por extensão discursiva, para conotar diferenças sócias e culturais. A "negritude" tem funcionado como signo da maior proximidade dos afro-descendentes com a natureza e, conseqüentemente, da probabilidade de que sejam preguiçosos e indolentes... Da mesma forma os estigmatizados por razões étnicas, por serem "culturalmente diferentes" e, portanto inferiores, são também caracterizados em termos físicos. Como por exemplo: negros seriam excessivamente masculinizados e orientais afeminados etc. O referente biológico nunca opera isoladamente, porém nunca está ausente, ocorrendo de forma mais indireta nos discursos de etnia. (HALL, 2009, p.67)*

As questões etnicorracias da atualidade são bem claras e evidentes. Num mundo globalizado fica difícil evitar o encontro centro-periferia por maior que seja o esforço daqueles que controlam o discurso dominante; embora, alguns grupos conservadores, nas suas justificativas discursivas tentem impor um pensamento há muito ultrapassado.

Capítulo II - O papel das raças nas abordagens sociais, na passagem do século XIX para o XX, e sua repercussão no Brasil: raça e progresso; uma tradução brasileira

Se eu pudesse, anexaria os planetas.

Cecil Rhodes[9]

A frase de Cecil Rhodes expressa muito bem o pensamento dos homens de poder de uma Europa neo-colonialista das últimas décadas do século XIX voltados para o domínio de territórios na África e na Ásia. Reforçando essa idéia, destacamos:

> *A expansão é tudo", disse Cecil Rhodes, deprimido ao ver no céu "essas estrelas [...] esses vastos mundos que nunca poderemos atingir. Se eu pudesse anexaria os planetas." Em menos de duas décadas, as possessões coloniais britânicas cresceram em 11,5 milhões de Km² e 66 milhões de habitantes, a França ganhou 9 milhões de Km² e 26 milhões de pessoas, os alemães formaram um novo império com 13 milhões de nativos, e a Bélgica adquiriu 2,5 milhões de Km² com uma população de 8,5 milhões. No entanto, num rasgo de sabedoria, Rhodes reconhecia ao mesmo tempo a inerente loucura dessa época e a sua contradição com a natureza humana. Naturalmente, nem essa sabedoria nem a tristeza dela decorrente alteraram o seu modo de agir. A ele pouco importavam esses rasgos de clarividência que o levavam muito além da capacidade normal de um comerciante ambicioso com fortes tendências de megalomania. (ARENDT, 2013, p.190-191)*

Esse projeto de expansão imperialista que respondia às necessidades do Capitalismo monopolista exigia também o desenvolvimento e a crença num cientificismo que confirmasse a diferença entre as raças, demonstrando a superioridade do europeu diante dos povos a ele submetidos. A virada do século XIX para o XX é marcada fortemente pelo desenvolvimento e afirmação desse pensamento. A diferença entre as raças apontando para, a superioridade de uns, e inferioridade de outros, se impôs como pensamento hegemônico no discurso científico.

Nosso interesse pelo século XIX, mais precisamente, na sua passagem para o século XX, está relacionado com a possibilidade de podermos entender e confirmar como um pensamento que foi marcando a diferença entre as raças apontando para: a superioridade de uns, e inferioridade de outros, se impôs como verdadeiro durante boa parte do século XX.

Segundo Costa (2006) os postulados do racismo científico[10], propagados a partir de metade do século XIX na Europa, marcam profundamente o debate entre os "homens da ciência" brasileiros até os anos de 1930, além de representarem o cimento da idéia de nação

[9] ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo- antissemitismo, imperialismo, totalitarismo.São Paulo: Companhia de Bolso, 2013. Cecil Rhodes (1853-1902) , britânico, colonizador, homem de negócios, político.

[10] .Os homens da ciência no Brasil a partir de meados do século XIX concordam com a idéia de que a humanidade está dividida em raças, e seu corolário, a saber, as diferentes raças conformam uma hierarquia biológica, na qual os brancos ocupam a posição superior...COSTA, Sérgio. O branco como meta: apontamentos sobre a difusão do racismo científico no Brasil pós-escravocrata, p.47-68 In: Estudos Afro Asiáticos, Rio de janeiro: UCAM, 2006.

que ia se construindo. Na passagem do Império para a República, não havia um consenso nem entre os homens da política e nem entre aqueles que detinham o saber, com relação à organização do Estado republicano brasileiro: uns seguiam a corrente liberal e, eram favoráveis a uma República federativa; outros eram positivistas; desejosos de uma República com um poder central forte, marcando um contexto de disputas políticas. Entre os intelectuais brasileiros, desejosos de serem responsáveis pela construção de um projeto de formação do Estado e do povo brasileiro também havia um clima de grande competição. Segundo Costa:

> *Aqui, distinguiam-se, basicamente, aqueles que acreditavam que a "mistura de raças" operada no Brasil levaria à degeneração crescente e à impossibilidade de constituição de um povo brasileiro habilitado à "civilização", e outros que eram, por assim dizer, mais otimistas. Para esses últimos, a "hibridação" no Brasil correspondia a uma possibilidade de melhoria e regeneração racial que levaria ao desaparecimento progressivo dos negros e mestiços de pele escura, tidos como inferiores, e ao embranquecimento paulatino do conjunto da população (COSTA, 2006/1,2,3, p;49-50)*

Concordamos com a visão de Costa de que as duas correntes sofreram influência do pensamento racialista[11] vindo da Europa e dos Estados Unidos; embora, já existisse, aqui, desde o período colonial, uma sociedade onde a maioria, por não possuir "sangue puro"[12] era impedida de assumir cargos públicos de acordo com a legislação portuguesa. Mas, na passagem do século XIX para o XX, o racismo científico ganhou corpo e, segundo Costa pode-se reconhecer, plenamente, um vínculo congênito entre o racismo científico e as ciências humanas no Brasil. (COSTA, 2006, p.51).

A questão racial foi tema da maior importância para muitos pensadores europeus e americanos, principalmente, na passagem do século XIX para o XX e, de grande interesse, também, da intelectualidade brasileira, que tentou adaptar as idéias racialistas que chegavam no Brasil, na tentativa de resolver os problemas da nossa sociedade, como por exemplo, o do mal da miscigenação. Segundo Appiah (2010), o pensamento racialista do século XIX foi, também, referência na formação de uma intelectualidade negra que liderou a luta pelos direitos civis nos Estados unidos, na primeira metade do século XX, como também aparece na construção do Pan-africanismo. Segundo o autor, para realçar o interesse pela "raça" convém destacar um trecho de Du Bois:[13]

---

[11] No primeiro capítulo reservado à discussão do conceito de "raça" e "racismo" seguiremos a orientação de Amilcar Pereira que em sua obra O Mundo Negro- Relações Raciais e a Constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil- assinala que: "é importante destacar as diferenças entre "racismo" e "racialismo" como sugere Appiah (1997)" e, como procuramos aplicar a citada visão ao nosso trabalho. (PEREIRA, 2013,p. 48-49)

[12] No âmbito da estrutura social da colônia, um princípio básico de exclusão distinguia determinadas categorias, pelo menos até a carta de Lei de 1773. Era o princípio da pureza de sangue. Impuros eram os cristãos novos, os negros, mesmo quando livres, em certa medida os índios e várias espécies de mestiços. Desse princípio racial ocorria a impossibilidade de ocupar cargos, receber títulos de nobreza, participar de irmandades de prestígio etc, FAUSTO, Boris. História Concisa do Brasil, São Paulo:Edusp, 2001. p.31)

[13] W.E. B. Du Bois (1868-1963) foi uma das principais lideranças negras nas lutas pelos direitos civis e um dos fundadores da maior organização negra na primeira metade do século XX nos Estados Unidos a NAACP (National Association for the Advancement of Colored People), fundada em fevereiro de 1909. Du Bois, o primeiro negro a receber o grau de doutor (Ph.D em História) na Universidade de Havard e autor de extensa obra sobre a questão racial, também foi importante representante do pan-africanismo (movimento político e cultural que defendia, entre outras coisas, a união de todos os africanos e seus descendentes na

> *A primeira longa discussão do conceito de raça por Du Bois encontra-se em "A preservação das raças", artigo que ele apresentou à American Negro Academy no ano em que ela foi fundada por Alexander Crummell. O "negro norte-americano", declara Du Bois "levado a (...) minimizar as distinções raciais" porque "por trás da maioria das discussões raciais com que ele está familiarizado, ocultam-se certos pressupostos quanto à suas aptidões naturais, quanto a seu status político, intelectual e moral, que ele julgou errados". E du Bois prossegue: "Não obstante, em nossos momentos mais calmos, devemos reconhecer que os seres humanos se dividem em raças", ainda que "ao inquirirmos sobre as diferenças essenciais das raças, constatemos ser difícil chegar de imediato a qualquer conclusão definitiva". Seja qual for a importância que isso possa ter, entretanto, "a palavra final da ciência até hoje é que temos pelo menos duas, ou talvez três grandes famílias de seres humanos- os brancos e os negros, e possivelmente a raça amarela Se isso é verdade, a história do mundo é a história, não de indivíduos, mas de grupos, não de nações, mas de raças (...) (APPIAH, 2010, p.53)*

Importante ressaltar a influência do pensamento racialista, tão forte no século XIX, presente no discurso de Du Bois, desde o início do século XX e, sendo utilizado para movimentar o Pan-africanismo. Nesse caso, dando um sentido positivo à existência da raça conclamando a união de todos os negros da África e da diáspora negra.

diáspora. PEREIRA, Amilcar Araújo. O Mundo Negro- Relações Raciais e a Constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil, Rio de Janeiro: Pallas, 2013, p. 47

II.1 As influências do pensamento autoritário para a construção da Nação Brasileira

Desde a Colônia predominou no Brasil um pensamento conservador implantado pelo governo, aqui estabelecido, através da ação dos representantes da metrópole e dos jesuítas mas, foi a partir da independência, no processo de formação do Estado Nacional, durante o século XIX, tendo como referência o ano de 1850, que se consolidou a monarquia no Brasil. Ficava com isso garantida a ordem política e territorial. O Estado monárquico brasileiro passou a ter uma relação muito forte com o setor econômico mais importante da época representado pelas grandes lavouras de café da região do Vale do Paraíba Fluminense e seus proprietários- os Saquaremas- cuja produção estava organizada com base no trabalho do negro na condição de escravo. E, assim:

> *Como destacou Ilmar Rohloff de Mattos, em trabalho fascinante[14]foi este grupo que, afirmando-se como classe dirigente logrou estabelecer a sua hegemonia política, ao integrar os conservadores de todo o Império e, conseguir por meio da força e do consenso, que os liberais aderissem ao princípio da ordem. À frente de um governo coeso, contaram os Saquaremas com uma câmara conservadoramente homogênea (havia apenas um único deputado liberal) e um Conselho de Estado afinado com seus interesses, no qual sobressaiam Bernardo Pereira de Vasconcellos e Honório Hermeto Carneiro Leão- lideranças importantes do partido conservador- Dessa forma tivera a força necessária não só para reprimir, com sucesso, o derradeiro ato de rebeldia liberal- o movimento praieiro-, como também para promover uma série de reformas bastante polêmica que completariam a obra do Regresso.[15] (BASILE, 2000, p. 246)*

O ano de 1870 assinala o início de mudanças de ordem econômica e social que vão contribuir para decadência e queda do Império com a implantação do regime republicano. Segundo Basile:

> *Os anos que se seguiram ao término da guerra do Paraguai assinalam um novo período de inflexão na história do Império. O Brasil passava, então, por profundas transformações econômicas e sociais, que teriam efeitos marcantes sobre a política imperial. A lavoura cafeeira encontrava-se em expansão acelerada, com o desenvolvimento, desde meados do século, da produção do Oeste Paulista, a qual aproveitando-se de condições geológicas mais favoráveis e de técnicas de beneficiamento mais aperfeiçoadas, irá progressivamente suplantar a do Vale do Paraíba, até superá-la por volta de 1880. Por outro lado, para resolver o problema da mão-de-obra cativa- imposto pelo fim do tráfico negreiro internacional, pelo aumento crescente do preço dos escravos adquiridos no tráfico interno e pela tradicional resistência ao aproveitamento do trabalhador livre nacional-, a imigração européia passou a ser estimulada. Sobretudo para aquelas zonas... Os meios de transporte, por sua vez tiveram um grande aperfeiçoamento, com a construção de ferrovias,*

[14] MATTOS, Ilmar Rohloff de. O Tempo Saquarema: a formação do Estado Imperial. São Paulo:HUCITEC, 1990 (2ª Ed.), especialmente parte II.

[15] Política do Regresso iniciada durante a Regência de Pedro de Araújo Lima (1837-1840) tinha como objetivo garantir a centralização política e a unidade territorial ameaçadas pelas inúmeras revoltas liberais que ocorriam na época. Foi concluída em 1850 com o apogeu do Império e a vitória dos conservadores com a permissão dos liberais. O pensamento regressista formou o partido Conservador e o Progressista formou o Partido Liberal; os principais partidos dos Império.

> *embarcações a vapor... Nas principais cidades inicia-se um processo de urbanização acentuado, introdução de diversos melhoramentos nos serviços públicos de infra-estrutura urbana, multiplicação dos espaços de sociabilidade. Além disso, ocorre também nas cidades um notável incremento do comércio e dos negócios, com a criação de industriais e de bancos, instituições de crédito, companhias de seguro e estabelecimentos comerciais de todo tipo. Desenvolve-se assim o mercado interno e emergem novos grupos sociais- os fazendeiros do Oeste Paulista, os empresários, as camadas médias urbanas (profissionais liberais, intelectuais,* funcionários públicos, artesãos, pequenos e médios comerciantes) -, que logo se *mobilizarão e passarão a manifestar suas idéias, suas aspirações, e a disputar o espaço político de forma organizada. (BASILE, 2000*, p. 264)

O texto, acima nos permite refletir sobre o processo de modernização que ocorreu no Brasil, a partir de 1870, em algumas cidades, principalmente no eixo Rio- São Paulo, respondendo às pressões do capital internacional, principalmente o inglês, na busca do ideal do progresso e da civilização. O partido conservador e o liberal que disputaram poder durante o império, sofriam a oposição das novas forças políticas e sociais porta-vozes do abolicionismo e do movimento republicano comprometidas com uma nova conjuntura internacional.

Na passagem do Império para a República, processo que envolveu o exército para a instalação e organização do novo regime não havia um consenso entre civis e militares e, até mesmo entre o Exército e a Marinha com relação ao funcionamento da República brasileira. Uns, de tendência liberal eram favoráveis a uma República Federativa, com a autonomia das Províncias; outros, principalmente militares e alguns segmentos da sociedade civil, de tendência positivista, eram a favor de uma República com o poder central forte. As divergências políticas eram ampliadas na medida em que a proclamação da República ocorrera um ano após a abolição da escravidão deixando bem marcada uma população negra e mestiça que passaria a constituir o povo brasileiro. Eis, o dilema: como construir um projeto de nação e de povo brasileiro buscando o progresso e a civilização diante de tal adversidade?

II.2 A entrada e desenvolvimento das ideias racistas no Brasil: dos jesuítas até 1930

Os jesuítas foram os primeiros a assumirem a responsabilidade de construção do pensamento dos colonos no Brasil sob a lógica de uma superioridade cultural européia. De 1549 quando chegaram, até 1759 quando foram expulsos, tinham a tarefa de catequizar os indígenas e de fundar as escolas na colônia e também ministravam o ensino formal. O primeiro grupo de padres que aqui chegou, com a criação o governo geral, vinha sob o comando de Manuel da Nóbrega. Os trabalhos realizados pelos padres jesuítas muito contribuíram para a produção historiográfica sobre o período colonial. Entre eles destacaram-se as inúmeras cartas dirigidas ao Rei e à Ordem, obras literárias, documentos, atuação em cargos da administração eclesiástica na colônia onde procuravam mostrar a situação difícil de convivência entre nativos e colonos. Desde o século XVI, surgiram muitos comentários de viajantes, cronistas, padres que faziam comparações entre o velho mundo e o novo, não só com relação à natureza mas, também, com relação às pessoas, geralmente, elogiando a natureza e desclassificando os indivíduos, tendo como padrão de perfeição o que ditava a religião (moral cristã), o governo e a lei.

Os jesuítas na relação que mantiveram com os nativos trataram de ensinar-lhes a boa fé e os bons modos de tal forma que acreditassem que tudo o que faziam antes era considerado primitivo e, portanto, inaceitável.

Com relação aos negros, as idéias que chegaram até eles através dos jesuítas eram no sentido de que a salvação, o caminho de céu estava relacionado com a capacidade de agüentarem o sofrimento. Assim, apagariam a mancha de inferioridade que naturalmente já traziam, de acordo com a maldição de Cã, presente na Bíblia que tinha caído sobre a cabeça deles. Alice Canabrava quando faz a apresentação da segunda edição da obra de Antonil, Cultura e Opulência do Brasil, comenta importante trabalho, do século XVII, do padre Antonio Vieira, Sermões, já citado nesse estudo, que serviu para reforçar a idéia de sofrimento no sentido de garantir a subserviência e a aceitação, pelo negro, da sua condição de vida.

> *O fator religioso desempenhava importante função integrativa do escravo no sistema social por meio do ensino da doutrina, das festas religiosas, das irmandades e da pregação. Sob este aspecto, talvez um dos documentos mais elucidativos seja o sermão do padre Antonio Vieira, S. J., no engenho de São João, na oportunidade da festa de Nossa Senhora do Rosário. A idéia da salvação é acentuada com o sentido de compensar os sofrimentos terrenos, sendo mais importante salvar a alma do cativeiro do demônio do que o corpo da servidão contingente dessa vida. (ANDREONI,s.d., p.56)*

Durante o século XVIII, além das atividades econômicas tradicionais da colônia, representadas principalmente pela grande lavoura, outra, de grande valor para a metrópole e também para o Brasil, passa a ser intensamente explorada: a extração de ouro e diamantes, na

região das gerais, no interior da colônia portuguesa na América. A mineração contribuiu para a chegada, na colônia de muitas pessoas e idéias.

> *A maior colônia portuguesa recebeu no terceiro século de sua história uma verdadeira invasão de pessoas- homens, sobretudo- vindas de entre Douro e Minho, Trás-os-Montes, Beira, Açores, Madeira. Paralelamente, intensificavam-se a imigração forçada de africanos e processos internos de crescimento sendo mais impressionante o aumento da população mestiça livre. O incremento demográfico intensificar-se-ia ainda na segunda metade do século: a população passou de um milhão e meio em 1754 para dois milhões e meio em 1808. (CARDOSO, 2000:120)*

O século XVIII representou a síntese do período colonial. Expansão territorial e ocupação efetiva do interior, diversificação das atividades econômicas, aumento demográfico e penetração de idéias calcadas no pensamento liberal voltadas fundamentalmente para questões políticas mas que podiam ganhar um caráter revolucionário, como no caso da revolta de escravos no Haiti. Portanto, geralmente o discurso liberal terminava na porteira da fazenda para evitar qualquer descuido relacionado com a causa da escravidão. Quanto às idéias racialistas chegadas ao Brasil, só no século XIX é que vão ganhar maior consistência e aplicação.

A vinda da família real para o Brasil aumentou a possibilidade para a entrada de novas pessoas e idéias. Milhares de portugueses migram para o Brasil nessa época, além da presença constante de estrangeiros, viajantes e pesquisadores que vinham para conhecer e explorar a nossa fauna e flora durante todo o século. O Rio de janeiro, capital do Brasil, passa por profundas mudanças de ordem político-social e econômica, como também vai sediar os principais estabelecimentos de ensino e cultura, tais como a Imprensa Régia, o Horto Real, a Biblioteca Real e, em 1816, chega ao Rio de Janeiro a Missão Artística Francesa que vai imprimir um novo caráter à arte no Brasil. A tendência ao neoclássico e ao estilo eclético vai pouco a pouco orientando a produção artística em substituição ao barroco que passa a ser considerado como grosseiro e ultrapassado. Segundo Schwarcz:

> *Formava-se em paralelo uma "classe ilustrada nacional", que paradoxalmente dependia das instituições criadas com o fim de garantir o melhor controle português. Profundamente vinculados aos modelos metropolitanos, os primeiros centros de saber enxergavam o Brasil ora como um espelho, ora como uma extensão dependente da corte portuguesa e a ela subserviente. (SCHWARCZ, 2010, p.24)*

O processo de formação do Estado nacional brasileiro, passou por avanços e recuos. A abdicação de D. Pedro I, em 1831 contribuiu para o começo de uma fase marcada por profunda instabilidade política: o período regencial (1831-1840). A classe política conservadora, a partir de 1837, lança a política do regresso buscando o controle do poder no caminho da centralização política. Movimento que teve uma campanha intensa no parlamento e através da

imprensa recebendo o apoio principalmente dos grandes proprietários de terra e de escravos do sudeste, o que facilitou o convencimento, junto às diferentes forças sociais, preocupadas com a possibilidade da desagregação política e territorial do Brasil, aderirem a tal proposta. Nesse contexto, foram criadas duas importantes instituições de saber: o Imperial Colégio de D.Pedro II (1837) e o IHGB (1838). Por volta de 1850, o Estado Imperial Brasileiro estava consolidado.

Durante o segundo reinado e primeira república definiram-se os vários espaços de construção e debate do saber, cada um com a sua especificidade de estudos e fidelidades regionais mas, seguindo sempre a orientação dos mestres estrangeiros. São os institutos históricos que passam a apresentar sua produção através de suas revistas, os museus e a valorização dos estudos de antropologia, principalmente a física e etnologia, as escolas de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro cada uma com seus projetos voltados para entender a sociedade brasileira, apresentados em suas gazetas médicas, disputando com as escolas de direito a busca de um modelo de sociedade para o Brasil.

A intelectualidade brasileira, até meados do século XIX, teve formação acadêmica valorizando a magistratura; estudando em Coimbra e outras universidades europeias já que, as faculdades de direito de Recife e São Paulo só foram criadas, em 1827, durante o primeiro reinado. A questão racial não era ainda prioridade na pauta de discussão desses homens, numa época em que a escravidão ainda era a relação de trabalho dominante no Brasil com a economia cafeeira na área do Vale do Paraíba em ascensão. A partir dos anos 70, a elite intelectual composta por advogados, médicos, engenheiros, jornalistas, literatos, professores, atuando tanto como funcionários do governo ou como profissionais liberais, passa a demonstrar preocupação com a questão racial. As escolas de direito, de Recife e São Paulo, assim como as faculdades de medicina, da Bahia e do Rio de Janeiro, se transformaram em espaços importantes de produção científica e de discussão política na busca de uma explicação para o Brasil como nação.

Numa conjuntura internacional representada pelo neocolonialismo, onde as várias nações europeias disputavam territórios na África e na Ásia, para garantir o sucesso do capitalismo; mas que, por outro lado, teriam que passar a conviver com o “outro”, foi necessário alimentar a formulação das teorias racialistas, de viés pessimista, que serviram para justificar a dominação dos povos colonizados, pelos europeus, na África e na Ásia, como ainda, para reforçar o pensamento de boa parte da intelectualidade brasileira, do período pós-abolição, sobre perigo que a mestiçagem poderia causar para a construção da sua nação e do seu povo.

II.3 A valorização das ideias que desqualificavam o povo brasileiro

Para os autores Ramos e Maio (2010), as ideias que desqualificam o povo brasileiro e que eram bem aceitas pela nossa intelectualidade nas últimas décadas do século XIX e durante a primeira República, estão relacionadas à questão da relação centro-periferia, Europa-América Latina. O progresso, a civilização, a produção de conhecimento atualizado estava na Europa e nossos intelectuais disputavam entre si o domínio desse conhecimento que vinha de fora. Ainda dividiam com alguns estrangeiros, que atuaram em centros de saber, no Brasil, durante o império e a primeira república o controle dos espaços da ciência e da política.

Por que foram aceitas essas idéias, e não outras, mais favoráveis à construção da imagem do povo brasileiro? Ainda segundo esses autores a aceitação das teorias raciais por uma grande maioria dos nossos intelectuais tinha uma relação com o passado colonial onde já existiam termos de uso com uma marca depreciativa, tais como: 'mamelucos', 'pardos', 'mulatos' 'boçais', portanto, a mania de inferiorizar o outro já era muito antiga no Brasil. Também, a partir de 1870, o Império começa a apresentar os seus primeiros sinais de decadência. O fim da guerra do Paraguai, o movimento abolicionista e republicano, as mudanças sócio-econômicas provocadas pela expansão do café do oeste paulista, abriam caminho para cisões políticas tanto dentro do partido conservador como no liberal. Mesmo entre monarquistas vão surgir divergências quanto a maneira de pensar e de conduzir o império. Os mais críticos ao governo vão se lançar na campanha republicana. A geração de intelectuais a partir dos anos de 1870 ligada aos principais teóricos europeus, racialistas, tem a sua grande maioria uma formação acadêmica positivista ou liberal com um ideal evolucionista e a preocupação em construir um projeto de nação mas tendo que enfrentar o grande dilema brasileiro: a existência de um povo miscigenado. Daí, a necessidade de fazer uma adaptação das teorias racialistas à realidade brasileira. Era preciso encontrar uma forma de substituir o pessimismo dessas teorias com relação à mestiçagem pelo otimismo, que seria conquistado a partir da melhoria racial brasileira. Segundo Lilia Schwarcz,:

> *Certamente essa não era a única versão que explicava, naquele momento, as sociedades em seu comportamento. É possível dizer, no entanto, que os modelos deterministas raciais foram bastante populares, em especial no Brasil. Aqui se fez um uso inusitado da teoria original, na medida em que a interpretação darwinista social se combinou com a perspectiva evolucionista e monogenista. O modelo racial servia para explicar as diferenças e hierarquias, mas feitos certos rearranjos teóricos, não impedia pensar na viabilidade de uma nação não mestiça. (SCHWARCZ, 2010, p.65).*

Quanto aos homens da ciência que atuaram nesse período, 1870-1930, para Lilia Schwartz (2010), é quase impossível o estudo da totalidade dos intelectuais nacionais que opinaram sobre a questão racial. Segunda essa pesquisadora, é melhor entendê-los a partir da

atuação dos mesmos nas instituições de saber as quais estavam vinculados, tais, como: as escolas de direito de Recife e São Paulo, as escolas de medicina da Bahia e Rio de Janeiro, museus e institutos históricos. Homens de saber, de muita expressão, desse período, merecem destaque: Silvio Romero (escola de direito do Recife), Raimundo Nina Rodrigues (escola de medicina da Bahia), Euclides da Cunha (escola politécnica do Rio de Janeiro), João Batista de Lacerda e Roquette Pinto (direção do Museu Nacional- "médicos-antropólogos")[16]. Munanga (2008) ao tratar da questão da mestiçagem no pensamento brasileiro observa que o fim do sistema escravista no Brasil, em 1888, coloca aos nossos intelectuais uma questão até então não crucial: a da construção de uma nação e de uma identidade nacional, tendo em vista uma nova categoria de cidadão**s,** os ex-escravizados negros. Eis a maior dificuldade: Como transformá-los em elementos constituintes da nacionalidade e da identidade brasileira, quando a estrutura mental herdada do passado os considerava apenas como coisas e força animal de trabalho ainda não havia mudado? Éramos uma sociedade marcada pela pluralidade racial construída desde o período colonial e que para a nossa elite intelectual era uma ameaça, um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca.

[16] Santos, Ricardo Ventura. Mestiçagem, Degeneração e a viabilidade de uma Nação: debates em antropologia física na Brasil (1870-1930), p.87, nota de rodapé: Mariza Corrêa (1982) utiliza a denominação "médicos-antropólogos", que talvez seja mais adequada na caracterização desses intelectuais. In: MAIO & SANTOS. História como questão- história, ciência e identidades no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

II.4 O branqueamento

A teoria do branqueamento estava relacionada com as teorias racialistas do século XIX, como uma das estratégias adotadas por parte da nossa elite para cuidar da salvação da sociedade brasileira. Segundo Ramos e Maio (2010) o tema aparece, já na década de 1840, quando Von Martius (1794-1868), naturalista, botânico e viajante que estudou a flora, a fauna e a população brasileira, ganhou um concurso patrocinado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com o melhor projeto de "como se deve escrever a história do Brasil". Martius, nesse momento, já chamou a atenção para a constituição da população brasileira a partir do cruzamento das três raças: a branca, a indígena e a negra. Sendo o colonizador português o que exerceu o papel principal na constituição do povo. O importante é que esse estudo já apontava para a constituição de um tipo mesclado de sociedade brasileira.

A partir de 1870, o tema da mestiçagem passa a preocupar grande parte da intelectualidade brasileira influenciada pelas teorias raciais que vinham de fora. Nessa época, o Brasil começava a receber grandes contingentes de imigrantes, principalmente europeus que vinham para o Brasil em busca de trabalho e de recuperar as perdas que haviam sofrido em seus países. A política de imigração européia para o Brasil começou a ser pensada desde a época de D. João VI (Suíços em Nova Friburgo), mas só ganhou fôlego nas últimas décadas do século XIX.O sudeste e sul foram as regiões que mais receberam imigrantes. A chegada desses estrangeiros veio atender às necessidades de mão-de-obra, no momento em que a escravidão chegava ao fim. A nova elite econômica do Brasil, os fazendeiros do oeste paulista, junto com o governo da província de São Paulo vão subsidiar a vinda de imigrantes para trabalharem nas fazendas de café e também nas indústrias paulistas. O Brasil moderno estava surgindo era preciso encontrar uma forma de melhorar a aparência do povo. Muitos pensadores da época vão defender a teoria do branqueamento. Destacamos Silvio Romero (1851-1914), da escola de direito do Recife, que apesar de aceitar as teorias raciais não concordava com a avaliação de pensadores estrangeiros como Gobineau e Agassiz que condenavam o país a um grau inferior de civilização, com risco de desaparecimento de degeneração. Alguns pontos importantes do pensamento de Romero, de acordo com Ramos e Maio (2010):

> *Supunha, assim, que o povo brasileiro era uma "raça" em formação através de um processo histórico de mistura racial entre brancos, negros e índios e de aclimatação das raças brancas ao Brasil, e que, diferentemente do que acreditavam os racialistas europeus, essa mistura não gerava desagregação, mas sim regeneração. E ele enfrentou o diagnóstico pessimista oriundo das teorias racialistas, tomando a miscigenação como processo físico e cultural orientado para a produção de um mestiço superior. Esse é o núcleo de sua teoria do branqueamento, em que supunha que como a raça branca é dominante, na mistura ela prevaleceria, produzindo um povo brasileiro progressivamente mais branco. (RAMOS e MAIO, 2010, p. 37-38)*

Outro grande defensor do branqueamento foi João Batista Lacerda, diretor do Museu Nacional. Participou do Primeiro Congresso Internacional das Raças, em 1911, com a tese "Sur lês Métis", em que falava sobre o processo de miscigenação no país, afirmando nas expectativas futuras de uma nação mais branca, que no país havia um clareamento geral- não só físico, mas também moral e social- tudo estaria resolvido em menos de um século ou três gerações. (SCHWARCZ, 2001, p.27).

Não havia unanimidade entre os intelectuais sobre a teoria do embranquecimento. Sobre o branqueamento da população brasileira na visão de Nina Rodrigues, Ramos e Maio, comentam:

> *Partindo do mesmo referencial racialista que era parte do arcabouço interpretativo de Silvio Romero, Nina Rodrigues constrói uma visão oposta sobre a caracterização do povo brasileiro. Para ele, Rodrigues, o Brasil era caracterizado por uma diversidade racial, não só na sua origem e em seu estado atual, mas também em seu futuro. Ao invés de um processo de mestiçagem através do qual se produziria um povo brasileiro progressivamente amalgamado, ele argumentava que a biologia demonstrava que a mestiçagem não elimina as diferenças raciais, pois não produz um tipo mestiço homogêneo; ao contrário, reverte a algum dos tipos originários ou gera uma variedade de tipos mestiços específicos. Mais do que isso, a mestiçagem gerava produtos desprezíveis se comparados às raças de origem. (RAMOS e MAIO, 2010, p. 42)*

Contemporâneo de Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, autor de uma obra clássica da literatura brasileira, Os Sertões (1901), considerada como fonte primária da maior importância para a historiografia sobre a guerra de Canudos ocorrida, no sertão da Bahia, durante a primeira República, concorda com a ideia de degenerescência do mestiço mas faz uma ressalva: o sertanejo brasileiro, visto por ele como um forte. Considerava que existiam vários tipos de pessoas no Brasil devido à heterogeneidade racial, aos cruzamentos, ao meio físico e a uma variedade de situações históricas. Para ele, no Brasil não havia sido construído um povo, uma nação. Era um país etnologicamente indefinido, por falta de tradições nacionais uniformes. Mesmo assim, a raça sertaneja poderia constituir a raça brasileira, o "seu mestiço" resultante de um cruzamento com o índio, e não com o negro localizado no litoral. (MUNANGA, p 54-55, 2008). Euclides da Cunha chegava a essa conclusão por ter feito o registro da maior guerra social da primeira República e junto com a narração do citado conflito vinham detalhadas informações sobre a região, o povo e sua condição de resistência. Como enviado pelo jornal Estado de São Paulo, para fazer a cobertura da guerra, pode verificar a dificuldade que as tropas oficiais tiveram para derrotar os sertanejos.

Embora o pensamento racialista predominasse existiam intelectuais que vinham na contramão dessa ideia. É o caso de Alberto Torres (1865-1917) ao expressar sua visão:

> *Nenhum dos povos contemporâneos é formado de uma raça homogênea e isto não lhe impediu de formar uma nação, moral, política e socialmente (...) Se os indígenas, os africanos e seus descendentes não puderam progredir e aperfeiçoar-se, isso não se deve a qualquer incapacidade inata, mas ao abandono em vida selvagem ou miserável, sem progresso possível (MUNANGA 2008, p. 58 apud TORRES, 1982, p, 28-29).*

O grande problema nacional, segundo Alberto Torres, não estava na diversidade racial e sim, na inadequação entre a realidade do país e as instituições tomadas de empréstimo das nações antigas, o que resultava na alienação da realidade nacional.

Outro pensador que seguia linha de raciocínio semelhante era Manuel Bonfim (1863-1932). Segundo ele, os problemas herdados do passado colonial é que explicavam o atraso do Brasil e da América Latina. Criticou a política populacional brasileira, por haver abandonado os ex-escravizados depois da abolição; além de acusar os latino-americanos de copiarem indiscriminadamente instituições alienígenas, especialmente em política. Esses pensadores tiveram pouca repercussão no cenário da política nacional daquela época.

Consideramos, portanto, que o pensamento racialista foi predominante entre os intelectuais brasileiros durante a primeira República. O médico e pensador social Nina Rodrigues eleito, em parte de sua obra como nosso objeto de estudo, pode deixar bem claro, em seus estudos, o que denominava de marca da degenerescência encontrada em boa parte da população negra e mestiça vista por ele, pelo viés da doença, principalmente a mental. Realizou contínuo trabalho junto às populações nas suas comunidades; representadas por: cidades, prisões, manicômios ou terreiros de candomblés. Sua produção intelectual foi vasta mas seu tempo de vida foi curto não garantindo que encontrasse respostas para algumas questões que ultrapassaram a explicação do problema pela via determinista. Tomamos como exemplo, a campanha que realizou, em 1904, escrevendo artigos no jornal de Notícias denunciando as condições em que os loucos eram mantidos. A pesquisadora Mariza Corrêa faz o seguinte comentário:

> *[...] foi justamente utilizando artigos esquecidos de Nina Rodrigues, em jornais diários e revistas médicas que Ronaldo Ribeiro Jacobina e Fernando Martins de Carvalho escreveram um belo artigo sobre ele como epidemiologista, apontando a campanha feita por ele nos jornais baianos, em 1904, quando uma epidemia de berebéri matou quase a metade da população do Asilo São João de Deus; como resultado dessa campanha, os loucos restantes, entre os quais havia muitos negros, foram poupados da mesma sorte. (CORRÊA, 2013, p.120-121)*

Quando morre, em 1906, já não tinha tanta certeza sobre a ideia que sempre defendeu: a da diferença entre as raças marcando principalmente a inferioridade do negro e do mulato. Suas contradições foram surgindo na medida em que aliava o estudo teórico ao trabalho de pesquisa empírica junto às populações pobres do norte e nordeste do país. No entanto, seu pensamento foi revitalizado e aperfeiçoado por Francisco Jose de Oliveira Viana

(1883-1951) que, Segundo Munanga (2008), foi um dos maiores representantes da ideologia do branqueamento da sociedade brasileira com ênfase num conjunto de ideias racistas. Em vez de criticar a situação colonial e o colonizador que reprimiram as oportunidades de manifestação e as possibilidades de ascensão social, ele encontra explicação na psicologia da vítima. Retomando o pensamento de Viana:

> *Apesar de sua crença no atavismo e na degenerescência dos mestiços, em particular os mulatos, Viana aposta no processo de apuramento sucessivo, capaz de levar ao apuramento da sociedade brasileira. Seu raciocínio é o seguinte: sob influência regressiva dos atavismos étnicos, uma parte dos mestiços (supostamente inferior) será eliminada pela degenerescência ou pela morte, pela miséria moral e física. Uma outra parte (supostamente superior), porém minoria, estará sujeita, em virtude de seleções favoráveis, a apuramentos sucessivos que a levarão, após quatro ou cinco gerações, a perder seus sangues inferiores e a clarificar-se cada vez mais. Mas, completa o autor: no passado colonial e sobretudo, durante os séculos da escravidão, esse processo de clarificação, que ele chama de "arianização" não podia se desenvolver por causa do afluxo incessante dos sangues negros e índios que o neutralizava no meio da massa mestiça e elevava o índice de "nigrescência" da sociedade brasileira da época. A ascensão dos mestiços superiores não pode ser explicada em função da afirmação de sua mentalidade mestiça ou dos característicos híbridos do seu tipo. Ao contrário, eles ascendem quando deixam de ser psicologicamente mestiços graças ao processo de arianização. (MUNANGA, 2008, p. 66-67)*

Nas três primeiras décadas do século XX, principalmente na década de 1920, o pensamento eugenista ganha fôlego no Brasil sendo Oliveira Viana um bom exemplo de pensador favorável a eliminação dos mais fracos (mestiços inferiores) e valorização dos mais fortes (mestiços superiores) propagando o culto à "arianização" da sociedade para consolidar a nação. Para isso, houve um diálogo constante entre pensadores eugenistas, na sua grande maioria médicos, e políticos no sentido de encaminharem projetos que deveriam se transformar em ações de políticas públicas de reformas urbanas, higienistas e sanitaristas.

A partir de década de 1930, com o início da Era Vargas, o Brasil se enquadrava na modernidade a partir da adoção de um projeto político marcado pela arrancada industrial com o desenvolvimento da indústria de bens de produção e da implantação de um Estado autoritário: Estado Novo (1937-1945). Ficava desse modo consolidado o Estado brasileiro, junto com seu povo constituído pela integração das três "raças" (branca, negra e indígena) e de uma cultura que as representava. Um dos mais importantes ideólogos do Estado Novo foi Oliveira Viana que procurou adaptar seu pensamento eugenista às novas demandas do Estado Brasileiro. Era preciso oficializar um pensamento de Estado integrador e de compromisso com toda a sociedade. Para estabelecer um diálogo entre o pensamento determinista já ultrapassado e o pensamento que valorizava a cultura que simbolizava o novo destacamos a obra de Gilberto Freyre: Casa Grande & Senzala. Segundo Munanga:

> *Freire retoma a temática racial, deslocando o eixo da discussão ao promover a passagem do conceito de "raça" para o conceito de cultura permitindo um maior distanciamento entre o biológico e o cultural, bem como eliminando uma série de dificuldades colocadas anteriormente a respeito da herança atávica do mestiço. Sua grande contribuição foi mostrar que o negro, índio e mestiço tiveram contribuições positivas na formação da cultura brasileira. Consolida o mito originário da sociedade brasileira configurada num triângulo cujos vértices são: a raça negra, a branca e a índia; brotando lentamente o mito da "democracia racial"- exaltação da ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, facilitando às elites dissimular as desigualdades e de impedirem os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. (MUNANGA, 2008, p, 75-76)*

Embora influenciados por teorias vindas da Europa e da América do Norte a intelectualidade brasileira, do final do século XIX e primeiras décadas do XX, no dilema de encontrar uma saída para poder colocar o Brasil na condição de nação, precisou transformar o povo brasileiro no seu objeto de estudo para poder dar resposta a essa questão. Para entendermos melhor o esforço intelectual desses "homens da ciência" que acabamos de destacar, em construir o conceito de nação e de povo brasileiro para a República, elegemos o médico e pensador social Raimundo Nina Rodrigues por considerarmos que suas idéias fizeram escola e deixaram marcas visíveis no pensamento da sociedade brasileira.

Capítulo III - O Pensamento de Nina Rodrigues contribuindo para a confirmação dos estereótipos com relação ao negro brasileiro

O século XIX, marcado pelo avanço da ciência e pelo desenvolvimento da tecnologia, abria caminho para a consolidação das Nações e do Nacionalismo. Para a burguesia européia e norte-americana era preciso encontrar argumentos que justificassem a dominação considerando, portanto, que nem todos os povos haviam atingido o nível de progresso e de civilização presentes nas principais nações europeias. Segundo Pereira (2013), "Um dos exemplos mais fortes do uso político da ideia de raça foi feito pelos países imperialistas como legitimação para suas conquistas." (p.53). Em boa parte da Europa, vigorava a explicação de que as sociedades humanas estavam em estágios culturais diferentes; sendo que, somente, os europeus e norte-americanos (brancos) haviam atingido a civilização; devido, principalmente, à sua superioridade racial que, ficou destinada a esses povos.

Sob a direção de Dom Pedro II a monarquia brasileira garantiu, com o apoio do partido conservador e de grande parte dos liberais, a unificação política e territorial do país. Para legitimar a idéia de unidade, o historiador Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878) recebeu a missão de escrever a *História Geral do Brasil* (1854-1857). Varnhagen destacou, toda a idéia do esforço e competência dos portugueses, assim como, exaltou os Braganças, que conseguiram, apesar da diversidade, representada pelos povos negros, índios e mestiços, que compunham a sociedade brasileira, fazer com que o Brasil se diferenciasse dos países vizinhos, pela sua consolidação política e territorial:

> *Varnhagen defende a presença portuguesa no Brasil, ele faz o elogio da colonização portuguesa, é compreensivo com seus erros e despotismo. A independência não foi prejudicial porque garantiu a continuidade do Brasil colonial no nacional: um Brasil português. A independência não interrompeu o passado, melhorou-o. O Brasil continuava português, imperial e ainda por cima independente! A nação brasileira seria construída racionalmente pelo Estado imperial, autoridade indiscutível, absoluta. A independência não foi problemática porque o Estado não foi comprometido: continuava nas mãos da dinastia de Bragança. O Estado brasileiro será construído sobre o Modelo do estado português... Ele continuará a ação civilizadora da Europa branca. (REIS, 2005, p.47)*

Essa visão tradicional e positivista[17] da história da independência do Brasil sem derramamento de sangue e procurando deixar o povo invisível, construída de acordo com os interesses da classe dominante vigorou por todo o Império e por quase todo o século XX

[17] O conjunto de idéias filosóficas denominado positivismo pelo seu próprio fundador, o francês Augusto Comte (1798-1857), ganhou terreno e adeptos no Brasil nas últimas décadas do século XIX. O Positivismo, em termos gerais, tem como pressupostos básicos uma crença inabalável na ciência e no primado da razão. VAINFAS, Ronaldo (Dir.). Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

republicano. Nos livros didáticos, pensar em construir uma história crítica e inclusiva, foi tarefa muito recente.

A propaganda do ideal de civilização se fortaleceu, a partir de meados do século XIX, ganhando mais fôlego a partir de 1870, quando teorias que confirmavam os determinismos, vindas da Europa, começaram a influenciar os pensadores brasileiros comprometidos com a elaboração de um projeto civilizatório para o país. Evolucionismo[18], Positivismo e Darwinismo compunham essa influência.

No entanto, era preciso adaptar as idéias conservadoras e racialistas, vindas da Europa, a uma realidade brasileira marcada pela existência de uma população composta por negros, índios e mestiços, segmentos sociais considerados "inferiores," de acordo, com o pensamento científico da época**.**

Assim pensavam entre outros, Gustave Le Bom (1841-1931), Arthur de Gobineau (1816-1882) e Louis Agassiz (1807-1873) que consideravam os povos do Novo Mundo marcados pela degeneração, sendo o Brasil um bom exemplo pela formação miscigenada de sua gente:

> *A miscigenação era a grande vilã, contrária ao progresso dos países do Novo Mundo e exorcizada pelos europeus. Gustave Le Bom, Arthur de Gobineau e Louis Agassiz foram alguns dos viajantes que descreveram a situação promíscua em que viviam negros e mestiços, que se ocupavam da vadiagem; e como observou, em Retrato em branco e negro, a historiadora Lilia Moritz Schwarcz, "para esses homens da ciência, nossa terra produziu tais 'elementos degenerados e instáveis' que por sua vez eram incapazes de acompanhar o desenvolvimento progressivo do país". Nessas análises, a mestiçagem representaria o atraso, pois o progresso estava restrito à sociedades "puras". A miscigenação, seria, portanto, um fator antievolutivo, subvertendo as idéias do biólogo Charles Darwin. Para eles a hibridação resultava sempre na permanência do gene mais fraco, menos apto e na potencialização dos defeitos e imperfeições, gerações após gerações. (DIWAN, 2012, p.89)*

Importando esse pensamento, o problema racial ganhou destaque nos discursos e nos escritos de políticos, magistrados, médicos e escritores, principalmente, a partir de 1870. A busca pelo progresso e pela civilização passou a ser a maior preocupação de boa parte da nossa intelectualidade, ficando comprometida em elaborar um projeto político que fosse capaz de superar os males da miscigenação dominante no povo brasileiro. Tanto nas faculdades de Direito de Recife e de São Paulo, como nas Escolas de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, a produção de trabalhos científicos de temática jurídica e médica sobre o Brasil e o seu povo, se processavam, predominantemente, seguindo o modelo racialista e conservador que vinha de fora.

[18] Em 1859, Darwin publicou A origem das Espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida, com os resultados de sua pesquisa sobre a seleção natural, a sobrevivência e a luta pela vida entre os animais.DIWAN, Pietra. Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo.São Paulo:Contexto, 2012. p.30. O pensamento de Darwin ou Darwinismo deu consistência ao pensamento evolucionista do século XIX, tendo a Europa como centro do mundo e, apresentava as sociedades humanas divididas em estágios: selvageria, barbárie e civilização e, pelo processo seletivo, em algum momento, todos chegariam à civilização.

Principalmente a partir de 1890, início do período republicano, podemos perceber a intelectualidade brasileira dividida na discussão, tanto sobre o projeto de nação, quanto o de construção do povo brasileiro. De um lado aqueles favoráveis ao ideal liberal e, de outro, os adeptos ao positivismo que vigorava na época. Ambos procuravam adaptar modelos de pensadores europeus para encontrar caminhos que levassem o Brasil ao progresso e a civilização. Essas divergências entre os homens da ciência se processavam, segundo Fausto, num contexto político bastante confuso:

> *Os vários grupos que disputavam o poder tinham interesses diversos e divergiam em suas concepções de como organizar a República. Os representantes políticos da classe dominante das principais províncias- São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul- defendiam a idéia federativa, que asseguraria um grau considerável de autonomia às unidades regionais. Distinguiam-se porém em outros aspectos da organização do poder. O PRP[19] e os políticos mineiros sustentavam o modelo liberal. Os republicanos gaúchos eram positivistas... Outro setor a ser considerado é o militar. Os militares tiveram muita influência nos primeiros anos da República. O Marechal Deodoro da Fonseca tornou-se chefe do governo provisório e algumas dezenas de oficiais foram eleitos para o congresso constituinte. Mas não constituíam um grupo homogêneo. Havia rivalidade entre o Exército e a Marinha: enquanto o exército tinha sido o artífice do novo regime, a Marinha era vista como ligada à Monarquia. (FAUSTO, 2001, p.139-140)*

As questões políticas do início da República eram acompanhadas pelas disputas entre a intelectualidade pela divulgação e reconhecimento de seus trabalhos científicos já comentad**o**s nesse trabalho.

Alguns pensadores acreditavam na possibilidade de sucesso do Brasil, pela via do embranquecimento da população. Seria necessário incentivar a vinda de imigrantes europeus para purificar a "raça". Nessa discussão, Nina Rodrigues se colocava contra a idéia de branqueamento da sociedade brasileira, por considerar a mestiçagem predominante no Brasil um problema de difícil solução**:**

> *A ideia do branqueamento através da miscigenação era amplamente debatida entre os "homens de sciência[20]" brasileiros. E entre eles havia os que tinham uma visão otimista e os que tinham uma visão pessimista em relação ao processo de branqueamento. Entre os otimistas destacavam-se João Batista de Lacerda (1846-1915), Sylvio Romero (1851-1914) e Oliveira Vianna (1883-1951). Já entre os pessimistas destaca-se Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906). Esses pensadores estavam dialogando diretamente com as teorias raciais vigentes em sua época e buscando uma saída original para a problemática racial no Brasil. Os pessimistas em relação ao branqueamento da população brasileira compartilhavam mais da teoria de Gobineau, segundo a qual a mestiçagem levaria à degenerescência da raça inexoravelmente. No caso do pensamento de Nina Rodrigues, a miscigenação, embora inevitável, constituiria um povo inferior necessariamente, se comparado aos europeus,*

[19] PRP- Partido Republicano Paulista

[20] Como eram chamados os intelectuais ligados às instituições de pesquisa da época. PEREIRA, Amilcar Araújo. O Mundo Negro-Relações Raciais e a Constituição do Movimento Negro contemporâneo no Brasil.Rio de Janeiro:Pallas, 2013¸apud. SCHWARCZ,1993.

> *devido à presença do "sangue negro" em nossa formação. (PEREIRA, 2013, p.69)*

Nina aprofundou, na passagem do século XIX para o XX, o discurso da questão da raça, baseado em determinismos biológicos e climáticos para explicar as diferenças entre os seres humanos, uma diferença que marcava a inferioridade dos negros e mestiços. Na disputa com os seus pares pela apresentação de um projeto de construção do Estado brasileiro, foi derrotado. Saiu vitorioso o pensamento liberal. De acordo com Mendonça (2000)

> *Respaldado doutrinariamente nos pressupostos do liberalismo clássico, o processo de construção do Estado Republicano teria como um de sues pontos nodais o aperfeiçoamento de mecanismos que garantissem a simultaneidade entre a ampliação formal da participação política- face ao novo contingente eleitoral, uma vez eliminada a escravidão- e a exclusão real dos setores subalternos, aos quais não interessava incorporar à cidadania. A implantação da ficção liberal do sufrágio universal desde que a todos os alfabetizados em uma população esmagadoramente rural e analfabeta, ilustra nossa afirmativa. Democracia e liberalismo excludente: eis o que resume o espírito do regime político em vigor no Brasil entre 1889 e 1930. (MENDONÇA, 2000*, *p.316)*

Com a República, o pensamento liberal foi vitorioso, ficando garantido pela constituição de 1891, para uma sociedade recém saída da escravidão. Mas adaptado aos interesses dos setores dominantes, era um liberalismo que excluía grande parte da população da participação política eleitoral, contribuindo para ratificar a exclusão social. Tal ambiente favoreceu a manutenção e aprofundamento dos estereótipos com relação ao negro e ao mestiço consagrados pela ciência, na passagem do século XIX para o XX, sempre incorporados e atualizados por boa parte da sociedade brasileira. Nesse sentido, as idéias de Nina Rodrigues, mesmo não sendo predominante com relação ao futuro de uma nação composta em sua maioria por negros e mestiços, tiveram sua influência nos estigmas sobre a população negra.

III.1 A trajetória de Nina Rodrigues

Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) nasceu no interior do Maranhão, zona algodoeira em 04 de dezembro de 1862. Seu pai, Francisco Solano Rodrigues, era proprietário de terras e sua mãe Luiza Rosa Solano Rodrigues, seria descendente de uma das cinco famílias sefarditas[21] que chegaram às terras maranhenses, fugidas de perseguições político-religiosas da Península Ibérica. Sobre sua vida escolar utilizamos relato de Maio:

> *Criado em fazenda, entre sete irmãos, Nina iniciou sua vida escolar na sede do município de Vargem Grande, Maranhão, onde se situavam as propriedades da família. No início da década de 1870 transfere*-se para São Luis, onde fez o curso de humanidades no Seminário das Mercês. Em seguida fez o curso *preparatório (correspondente ao curso secundário) no colégio São Paulo. Em 1882 ingressou na faculdade de Medicina da Bahia, onde permaneceu até o início do quarto ano. Em 1885 transferiu-se para a Escola de Medicina do Rio de Janeiro, concluindo o quarto ano. Em 1886, retorna à Bahia onde frequenta o quinto ano. Foi nesse período, quando estagiou na Santa Casa da Misericórdia, espaço privilegiado de atuação da ETB[22] que Nina estreitou suas relações com o então professor de clínica médica e importante político de Império, Almeida Couto. Além disso, participou da direção da Gazeta Acadêmica (1885-1887), revista dos estudantes de medicina da Bahia, inspirada na Gazeta Médica da Bahia.[23] (MAIO, 1995, p.229)*

Em 1886, voltou ao Rio de Janeiro para concluir o curso de graduação e elaborou sua tese de doutoramento, sobre três casos de paralisia progressiva com o título: “Das Amiotrofias de Origem Periférica”, defendida no final de 1887. Durante o ano de 1888 clinicou em São Luís, onde se dedicou ao atendimento da população pobre, constatando a precariedade da alimentação do povo maranhense, conforme relata em artigo sobre a Lepra, no Maranhão, apresentado nesse trabalho além de inúmeros artigos sobre higiene pública. Nesse mesmo ano começou a colaborar com seus artigos para a Gazeta Médica da Bahia e constrói um quadro classificatório das raças no Brasil.

No início de 1889, ingressou através de concurso, na Faculdade de Medicina da Bahia, assumindo a cadeira de Clínica Médica. Em 1891, foi transferido para a cadeira de Medicina Legal, como professor substituto, do catedrático Virgílio Damazio. Com o lançamento da obra As Raças humanas e a Responsabilidade penal no Brasil (1894), Nina Rodrigues garante uma posição autônoma para a Medicina Legal. Segundo Maio, num período em que a ciência tornou-se uma fonte preciosa para a legitimação das análises sobre o social, a medicina legal no Brasil foi uma das primeiras disciplinas a conquistar um espaço institucional próprio e a demarcar a atuação de um profissional adequado: o perito. (MAIO, 1995, p.232)

---

[21] Famílias serfaditas: judeus provenientes da Península Ibérica por conta da perseguição religiosa. (Inquisição)

[22] ETB quer dizer: “Escola Tropicalista Baiana”. A origem da ETB, no final dos anos 60 está associada a três médicos estrangeiros: o português de origem alemã Otto Wucherer (1820-1875), o escocês John L. Paterson (1820-1882) e o português José Francisco Silva Lima (1826-1910) dedicados ao estudo das doenças tropicais. Maio, M.C. A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma Trajetória Científica. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 11 (2):226-237, abr/jun, 1995.

[23] Gazeta Médica da Bahia, publicação fundada pelos “tropicalistas” em 1866 e que veio a se constituir na principal revista científica do século XIX. Idem, p.228.

Nina Rodrigues pertenceu a uma família de grandes proprietários de terra numa região onde o cultivo mais importante era o algodão, fazendo parte da elite da província e depois Estado do Maranhão.

Desde a época de estudante de medicina, já marcava diferença ao participar da ETB (Escola Tropicalista Baiana), demonstrando interesse pelo estudo das doenças tropicais. Como médico e professor da Escola de Medicina da Bahia defendeu a reforma do ensino da medicina no Brasil que considerava pouco inovador. Buscava através de suas pesquisas teóricas e práticas abrir caminho para o desenvolvimento da especialidade médica**,** em especial, a da medicina legal. Publicou seus tratados e artigos médicos na Gazeta Média da Bahia, no Brazil Médico e outros periódicos. Porém, seu principal espaço de trabalho era a Faculdade de Medicina da Bahia, conforme imagem retida do artigo de Corrêa (2008): *Nossos mulatos são mais exuberantes,* onde aparece como membro da congregação da faculdade de medicina (Figura III. 1).

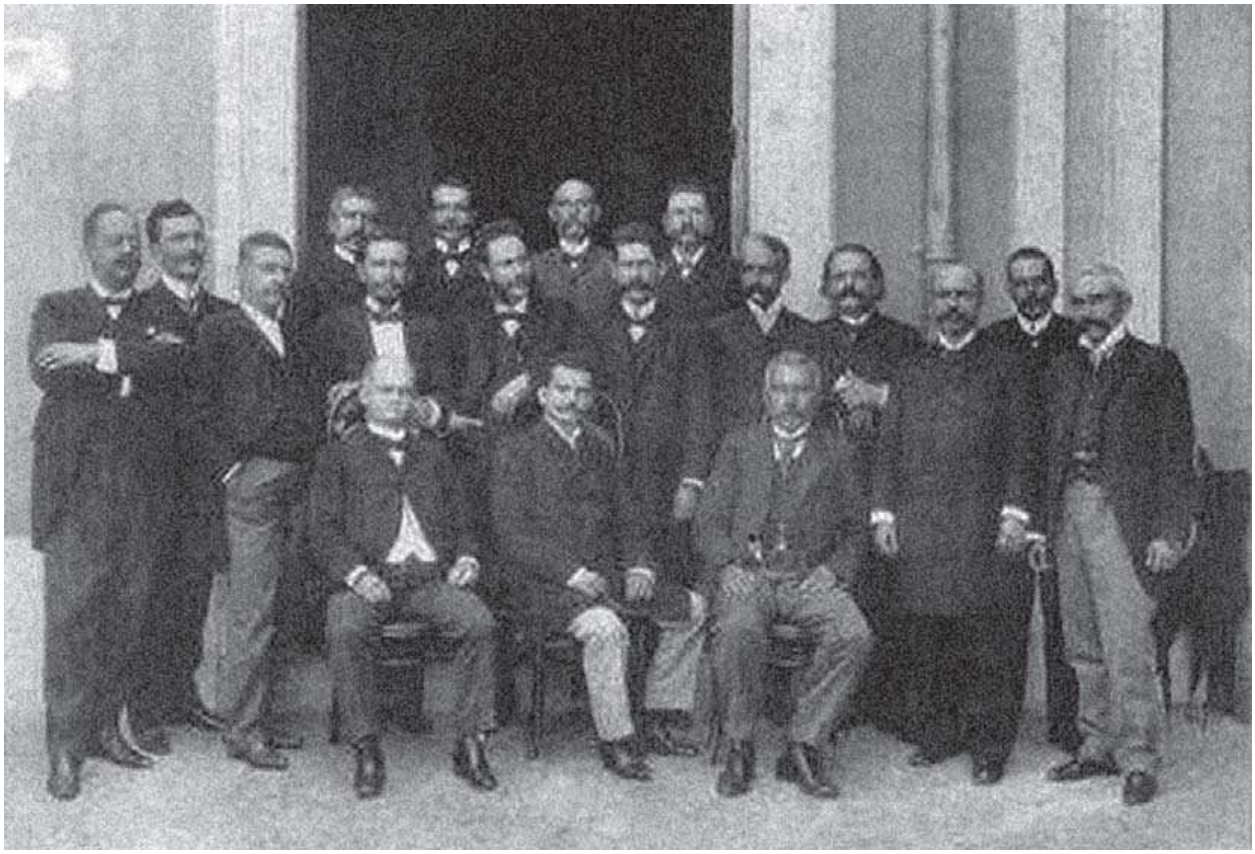


Figura III.1 Congregação da Faculdade de Medicina em 1903, três anos antes da morte de Nina Rodrigues. Ele é o último à direita, em pé. Disponível em www.fameb.ufba.br/historia.htm

III. 2 Nina Rodrigues como pensador social

Nina Rodrigues, seguidor do Darwinismo Social[24] e do pensamento eugenista,[25] realizou trabalho pioneiro de cunho teórico e outros de cunho empírico (com as populações negras e mestiças brasileiras que considerava como inferiores)**;** buscando legitimar suas teses.

No primeiro ano de trabalho (1888), como médico, atendia à população pobre de São Luiz. De acordo com Mariza Corrêa (2005-2006), era conhecido como "Dr. Farinha Seca", por ter publicado no jornal *A Pacotilha,* crônicas contra a alimentação popular baseada na farinha d'água (CORRÊA, 2005-2006, p.132). Essa população pobre, do Maranhão, já despertava a atenção de Nina pois, além de publicar suas crônicas em jornal popular sobre ela, começava a escrever artigos para a Gazeta Médica da Bahia. Convém, destacar os vários artigos, de autoria de Nina Rodrigues, publicados na Gazeta (1888/1889)[26], que se constituíram num verdadeiro tratado sobre a Lepra, no Maranhão. A doença considerada endêmica, não tinha sido suficientemente estudada de forma particular, no sentido clínico e, muito menos, no administrativo (i.e. pelas instituições médicas e do governo). Segundo Nina:

> *Os profissionais da Bahia, do Rio de Janeiro, de São Paulo, particularmente os Srs. Professor Pacífico Pereira, Drs. Silva Lima, Julio de Moura e Lutz tem procurado, cada um por si, trazer ao esclarecimento da questão o valioso contingente dos seus trabalhos. Apezar de tudo isso, porem, persistem grandes lacunas no conhecimento que temos da lepra no nosso paiz. Desde a sua geograhia real até as particularidades de evolução e manifestações clínicas, o conhecimento que temos da lepra no Brazil é, de facto, fragmentário. (RODRIGUES, 1888, p.105)*

Nas leituras dos artigos, de Nina Rodrigues, consideramos alguns comentários, feitos pelo médico, que a partir de estudos anteriores, principalmente feitos por médicos estrangeiros, vinham confirmando a freqüência da Lepra, naquela província. Junto à preocupação com a doença, aparecia também a questão étnica, conforme o que destacamos:

> *Histórico. -Não dispomos nem podemos encontrar documentos que permittam estabelecer o tempo de que data a existência da lepra n'esta província. Mas dada, como está provada, a immunidade da raça indígena, a contrahir a lepra e a ausência d'esta moléstia no Brazil ao tempo do seu descobrimento, a lepra deve ter invadido esta província, como o Império, com os seus colonizadores... A duas fontes devemos atribui-la: aos colonos portugueses... e aos africanos cujo elemento ethnico na população brazileira é tão importante e que na phrase*

[24] "Darwinismo social" ou "Teoria das raças", essa perspectiva via de forma pessimista a miscigenação, já que acreditava que "não se transmitiriam caracteres adquiridos", nem mesmo por um processo de evolução social- compreender a mestiçagem como sinônimo de degenerração não só racial como social. (SCHWARCZ. 2010, p.58)

[25] O termo "Eugenia" eu: boa; genus: geração, criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton. Procurava provar que a partir de um método estatístico e genealógico, que a capacidade humana era função da hereditariedade e não da educação. (SCHWARCZ, 1993, p.60)

[26] Título do artigo: Contribuição para o Estudo da Lepra na Província do Maranhão- pelo Dr. Nina Rodrigues, Ano XX setembro,1888; Ano XX Novembro de 1888; Ano XX Janeiro 1889; Ano XX Fevereiro 1889; Ano XX Março, 1889; Gazeta Medica da Bahia.

> *do professor Leloir, são uma raça infectada de lepra. (RODRIGUES, set./1888, p. 107)*

Nos artigos, considerava o problema da raça negra e sua relação com a doença, estabelecendo uma longa discussão sobre os vários casos de Lepra, vista como uma doença endêmica ou, muitas vezes, a presença de alguns focos em locais variados da Província. Procurava investigar, já que era um debate muito acirrado, entre os médicos envolvidos com o estudo sobre a lepra, se o mal ocorria por contágio, por herança ou pelos dois caminhos. Destacamos as seguintes observações, onde a questão étnica fica bem presente nesse estudo das causas da Lepra, na Província do Maranhão, feito por Nina Rodrigues.

> *Obs. I. – J. Pir..., branco, adulto, natural de Anajatuba, affectado de lepra tuberculosa. Ausência de antecedentes leprosos directos, ou collateraes; conhecemos três irmãos não afectados de lepra. Attribue o doente sua moléstia ao contagio devido a relações sexuaes continuadas por muito tempo com uma mulata suspeita de lepra e em quem mais tarde a moléstia se declarou. Obs. II. - Luiz P..., branco, 18 annos approximadamente, filho de lavradores abastados de Mearim e em cuja família quer do ramo materno, quer do paterno não há antecedente algum leproso directo. Um tio paterno que vivia em logar infeccionado falleceo leproso. No estabelecimento agrícola havia grande numero de escravos negros affectados de lepra, vivendo na maior promiscuidade a ponto de servir de creado da família um mulato leproso. O rapaz tinha vindo para um collegio n'esta cidade aos 12 ou 13 annos e no fim de algum tempo manifestou-se a lepra. Obs. III. – Idelfonso P..., 20 annos approximadamente, branco primo do precedente e affectado de lepra tuberculosa. Os antecedentes familiares são perfeitamente conhecidos; não há antecedentes leprosos diretos, apenas o caso já citado do tio. Filho de lavrador abastado, este rapaz cresceo como o precedente n'um estabelecimento agrícola onde havia muitos escravos leprosos, accrescendo ais que quase ao mesmo tempo manifestou-se a lepra no filho, da mesma idade, da negra escrava que o amamentara. (RODRIGUES, 1889, p.305)*

E, conclui:

> *Entretanto o valor destas observações... são sempre passíveis da seguinte objeção: "pois que estes casos foram observados em um paiz em que reina a lepra, como é possível saber se elles são realmente devidos ao contágio, ou as outras causas, mysteriosas é verdade, que invocam os anti-contagionistas como etiologia da affecção?". (RODRIGUES, 1889, p.305)*

No debate científico que Nina Rodrigues estabeleceu com seus pares, apareceu sempre a disputa entre contagionistas e anti-contagionistas sobre o estudo das causas da lepra; sem no entanto chegarem a uma conclusão; justificando por conta das dificuldades em separar situações de contágio dos antecedentes hereditários. O que foi possível confirmar, na leitura do documento em questão é que, Nina tomando como referência suas observações e entrevistas com doentes e familiares, atribuiu a maior frequência da doença em população mestiça e a considera responsável pela sua transmissão. Deixa claro que o índio não conhecia a lepra. A doença chegou via português e africano e reforça:" [...] e aos africanos cujo elemento

ethnico na população brazileira é tão importante e que na phrase do professor Leloir, são uma raça infectada de lepra”. *(RODRIGUES, 1888, p. 107)*

Dessa forma, a maior responsabilidade sobre a expansão da lepra pelo Brasil ficava com os africanos por sua participação marcante na constituição da população mestiça. Apegado aos princípios das teorias deterministas da época e reforçando a tendência da raça negra e mestiça de ser portadora da doença, não deixa de fazer um desenho completo do mapa da Província do Maranhão apontando para uma relação entre doença, população pobre e condições de vida; deixando valiosas informações para novas pesquisas, conforme destacamos:

> *Na distribuição geográphica insistimos sobre a coincidência da maior frequência da lepra com os lugares baixos, húmidos e alagadiços e fizemos ver como a população pobre acha-se na estação invernosa inteiramente desprotegida em virtude da construção má e muito primitiva das casas que habitão. Temos procurado submeter à observação esta opinião indagando qual a influência que exerce a estação invernosa sobre a marcha da lepra e suas manifestações... A alimentação da população nesta província está longe de satisfazer as exigências da hygiene mais condescendente. Com efeito, nos centros da província não havendo talhos regulares de carne de vaca quase que está abolida da alimentação do povo e na capital, onde existem, é escassa e de má qualidade. Na zona leprosa a população alimenta-se principalmente de peixe, em geral também de má qualidade.; tendo como alimento quase que exclusivo a farinha d'água. (RODRIGUES, 1889, p.407-408)*

Dessa forma, na apreciação que fez sobre as várias regiões da Província do Maranhão, destacou com detalhes as condições de vida de sua população como: alimentação, moradia, ausência de higiene, além de oferecer informações relacionadas com clima, vegetação, relevo, qualidade da água. Nessa fase, inicial de carreira, Nina já apresentava uma classificação racial da população maranhense usando as expressões “etnologia” e “economia étnica”. Considera a província maranhense como “rigorosamente brasileira” porque:

> *As raças primitivas n'esta província tem de alguma sorte desaparecido. Depois da suppressão do tráfico, nunca mais entrou aqui o elemento africano genuíno que hoje é raríssimo entre nós e elemento incapaz de exercer influência direta na nossa economia ethinica. Os americanos do typo brazilico-guarany tem desapparecido aqui, assim como por todo o Império. Dos europeus, sem falar nos francezes e hollandezes que não deixarão posteridade, a imigração portuguesa que tem continuado em outras províncias, tem se limitado aqui de um modo extraordinário, restringindo-se exclusivamente a alguns moços que procurão o commercio da província sem em geral passar alem da capital. D'ahi resulta que, se não podemos dizer que a população da província do Maranhão é inteiramente mestiça, devemos pelo menos considera-la como rigorosamente brazileira, n'este sentido que mesmo n'aquellas famílias em que a pureza das raças primitivas tem se conservado, os seus descendentes actuaes já contão mais de uma geração puramente maranhense. (RODRIGUES, 1889, p.363)*

Descreve uma mestiçagem desenfreada dificultando fixar “rigorosamente” os diversos tipos mestiços da nossa população; a fim de precisar a origem etnológica das predisposições e imunidades mórbidas que nos foram transmitidas. Nesse estudo, Nina Rodrigues tenta

estabelecer algumas distinções entre nossos mestiços a fim de estudar a resistência que oferecem à infecção leprosa. Distribui a população do Maranhão em cinco grandes divisões ou grupos que são: o branco, o caboclo, o mulato, o cafuzo e o negro. Dessa forma o índio ficou excluído da classificação e também da possibilidade de contrair a lepra; só aparecendo a moléstia no tipo mestiço dele: caboclo ou cafuzo. Esse fato fica confirmado através das estatísticas apresentadas, mas de certa forma, os dados não garantem segurança científica, de acordo com o médico maranhense, para responder às questões que relacionavam raça e doença (RODRIGUES, 1889, p.365).

Nina Rodrigues faz uma crítica a essa estatística, elaborada pela administração da Misericórdia, que considera sem nenhum rigor científico; dando apenas uma idéia aproximada da cor dos leprosos (Tabela III. 1). Chama a atenção para o número de pardos, que incluiriam: mulatos, caboclos e cafuzos ser superior ao de pretos.

Tabela III. 1: Estatística dos pacientes com lepra do Hospital dos Lazaros, província do Maranhão, no período de 1870 a 1888[27].

	HOSPITAL DOS LAZAROS
BRANCOS	8
PRETOS	44
PARDOS	46
TOTAL	98

Um outro quadro de estatística, também apresentada no mesmo artigo de Fev./1889, auxilia no entendimento da preocupação de Nina Rodrigues em relacionar raça e doença. O ano é o de 1888 e a situação: 27 leprosos que estiveram no hospital dos Lázaros, um certo número de leprosos de Anajatuba (Tabela 2) e uma estatística geral de casos de diferentes províncias (Tabela 3).

[27] Estatística do movimento hospitalar dos Lazaros, província do Maranhão, 1870-1888- cedida pelo Sr.Dr. Affonso Saulnier, compreendendo 98 leprosos.

Tabela III. 2: Estatística dos pacientes com lepra do Hospital dos Lázaros e de Anajatuba, no ano de 1888.

	HOSPITAL DOS LAZAROS	**ANAJATUBA**
BRANCOS	1	5
CABOCLOS	5	21
MULATOS	14	10
CAFUSOS	1	5
PRETOS	6	6
TOTAL	27	47

Tabela III. 3: Estatística geral dos pacientes com lepra em diferentes províncias, no ano de 1888.

	ESTATÍSTICA GERAL
BRANCOS	15
CABOCLOS	26
MULATOS	28
CAFUSOS	3
PRETOS	15
TOTAL	87

Nas suas conclusões, Nina Rodrigues verifica que todas as raças brasileiras estavam aptas a contrair a lepra. Confirmamos a intenção constante de Nina Rodrigues em manter uma crença numa ciência determinista mas por outro lado, não podemos negar que considerava a possibilidade de lacunas nos trabalhos sobre as doenças que se apresentavam sob a forma de endemias e epidemias no Brasil, principalmente no norte e nordeste. Nesse estudo que realizou sobre a Lepra no Maranhão, no início de sua carreira como médico, já utilizava uma metodologia de observação da população local.

Em 1890, escreveu um artigo publicado na Gazeta e no Brazil Médico, apresentando uma classificação racial da população em nível nacional, onde aparece, pela primeira vez, a rubrica “anthropologia patológica” (CORRÊA, 2005-2006, p.132). Em 1889, ingressou, através de concurso, para a Faculdade de Medicina da Bahia, e passou a ocupar o lugar de adjunto da Cadeira de Clínica Médica. A partir do ano de 1891, em função da reforma de ensino médico, foi transferido para a Cadeira de Medicina Pública, substituindo o professor Virgílio Damásio, defensor da idéia de que a medicina legal deveria se tornar uma especialidade médica e não

uma tarefa a cargo da justiça. A luta pela transformação da Medicina Legal em especialidade médica foi uma das principais bandeiras de Nina Rodrigues. Atuando na área de Medicina Pública, teve um envolvimento constante com populações excluídas, nos presídios, nos hospícios e nos candomblés.

Essas populações excluídas, predominantemente negras e mestiças, foram seu principal objeto de estudo sempre encaminhado por um viés racista mas, empregando um rigor científico de coleta de dados que pode garantir muitas informações sobre as populações pesquisadas. O maior problema residiu na análise que deu a esses dados devido a sua visão determinista. Destacamos o seguinte comentário da pesquisadora Mariza Corrêa:

> *Quanto às ideias científicas da época, sua adesão era quase completa- é preciso dizer quase, já que, famoso por seu racismo, ele foi menos lido na clave do pesquisador cuidadoso que era responsável pelo registro de boa parte da história oral dos descendentes de africanos na Bahia, aos quais dedicou vários de seus textos, tendo também ele enfrentado o preconceito local ao fazê-lo: consta da tradição baiana que recebeu o apelido de "negreiro" graças a essas pesquisas. (CORRÊA, 2005-2006, p. 137)*

Diferente dos médicos do Rio de Janeiro, comprometidos com o combate às doenças, na Bahia, Nina vai ter como foco de estudo, o doente e seus distúrbios, dos nervos (neurastenia) e da mente (histeria). Foi influenciado por uma produção acadêmica determinista, que vinha do exterior, considerando que havia diferença entre as "raças" mas, uma diferença marcada pela desigualdade, pela superioridade de uns e, inferioridade de outros sendo esses outros os "não europeus". Nesse sentido, convém destacar, um comentário de Skidmore:

> *Explicava Nina Rodrigues que a inferioridade do africano fora estabelecida fora de qualquer dúvida científica. Em 1894, desprezou como sentimental a noção de que um "representante das raças inferiores" pudesse atingir através da inteligência, "o elevado grau a que chegaram as raças superiores". Em 1905, estava disposto a admitir que os cientistas não conseguiram decidir se a inferioridade do negro era inata ou transitória. Mesmo se a inferioridade transitória fosse verdadeira em tese- concluía-, a civilização européia progredia rapidamente demais para ser testada na prática. (SKIDMORE, 1976, p.75)*

O pensamento de Nina Rodrigues, sobre a diferença existente entre as "raças" foi minuciosamente apresentado na obra *As Raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*[28] onde apresentava a proposta de dois códigos penais para o país diante da impossibilidade das raças inferiores terem discernimento para o livre arbítrio. Segundo Nina:

[28] Nina Rodrigues dedica a obra As Raças Humanas e a responsabilidade penal no Brasil aos chefes da Nova Escola Criminalista; Srs: Cesare Lombroso (de Turim), Enrico Ferri (de Pisa), R. Garofalo (de Nápoles). Ao chefe da Nova Escola Médico-Legal Francesa, Sr professor Alexandre Lecassagne (de Lion); Ao Sr. Dr. Corre (de Brest)- o médico legista dos climas quentes. RODRIGUES, Nina. As Raças Humanas e a responsabilidade penal no Brasil. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957.

> *Posso iludir-me, mas estou profundamente convencido de que a adoção de um código único para toda a República foi um erro grave que atentou grandemente contra os princípios mais elementares da fisiologia humana. Pela acentuada diferença de sua climatologia, pela conformação e aspecto físico do país, pela diversidade étnica da sua população, já tão pronunciada e que ameaça mais pronunciar-se ainda, o Brasil deve ser dividido, para os efeitos de legislação penal, pelo menos em quatro grandes divisões regionais. (RODRIGUES,1957, p.167).*

Essas grandes divisões regionais, de acordo com Nina Rodrigues, correspondiam as seguintes áreas: todo o litoral do norte, da Bahia ao Pará, onde passava a predominar a mestiçagem, com tendência ao desaparecimento da raça pura, no caso do negro, do americano (índio) e do europeu. Uma outra área, que vinha ganhando configuração nova, em função da imigração européia, compreendia São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, que recebia um número elevado de europeus, principalmente italianos e portugueses, colaborando para a mestiçagem afro-italiana e afro-portuguesa. Uma terceira área era a do Rio Grande do sul que, a partir das últimas décadas do século XIX, recebia uma população de imigrantes alemãs, em larga escala, dando à província uma condição de exceção etnológica no país. E, por último, no extremo norte, na Amazônia e nos estados do oeste, o sangue africano, já bastante mestiçado, vai diminuir em face do cruzamento do branco, ou dos mestiços com o índio, que predominava nesta região (RODRIGUES, 1957, p. 88-89).

Essa última região, havia sido visitada e estudada pelo suíço-americano Louis Agassiz, professor de geologia da Universidade de Harvard, Estados Unidos que esteve na Amazônia durante os anos de 1865 e 1866. Segundo Diwan (2012), Agassiz comandava uma verdadeira expedição antidarwiniana e sua principal tese era de que a mistura prejudicava a evolução das espécies defendidas por Darwin e, portanto, tratou de enfatizar em sua expedição o registro das raças híbridas, dos mestiços da região do Amazonas, em cinqüenta fotografias que foram usadas como parâmetro antropológico de medição.

A partir de meados do século XIX, aumentavam as disputas entre os estudiosos, tanto, da corrente monogenista[29] como da poligenista[30]. Para explicar a origem e as diferenças entre os seres humanos. Os autores poligenistas ganhavam projeção porque, utilizavam argumentos que fortaleciam a idéia da origem múltipla do homem, dando uma melhor visibilidade à raça. Assim, consolidavam um campo da ciência ligada ao homem: a antropologia biológica, com destaque sobretudo para a antropometria[31] e a frenologia. Reforçando esse pensamento determinista racial, um campo de estudo que muito interessou a Nina Rodrigues foi o da

[29] Visão Monogenista: Dominante até meados do século XIX, congregou a maior parte dos pensadores que, conforme as escrituras bíblicas acreditavam que a humanidade era una. O homem segundo essa versão, teria se originado de uma fonte comum, sendo os diferentes tipos humanos apenas um produto "da maior degeneração ou perfeição do Éden". (SCHWARCZ, 2010, p.48-QUATREFAGE, 1857, apud STOCKING, 1968).

[30] Visão Poligenista: a partir de meados do século XIX ocorre o fortalecimento de uma interpretação biológica na análise dos comportamentos humanos, que passam a ser crescentemente encarados como resultado imediato de leis biológicas e naturais. (idem, p. 48)

[31] Antropometria e frenologia: teorias que, a partir de meados do século XIX, passavam a interpretar a capacidade humana tomando em conta o tamanho e proporção do cérebro dos diferentes povos. (SCHWARCZ, 2010, p. 48-9)

antropologia criminal, segundo Schwarcz, ganha impulso uma nova hipótese que se detinha na observação “da natureza biológica do comportamento criminoso”, tendo como um dos principais expoentes dessa idéia, Cesare Lombroso que argumentava ser a criminalidade um fenômeno físico e hereditário e, como tal, um elemento objetivamente detectável nas diferentes sociedades (SCHWARCZ, 2010, p. 49 apud, LOMBROSO, 1876, p. 45). Nina foi muito influenciado pelos pensadores da antropologia criminal, tanto que dedicou a alguns deles a obra em questão.

Paralelo à publicação da obra *As Raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, e outros estudos, Nina Rodrigues continuou atuando na Cadeira de Medicina Pública e desenvolvendo trabalho pioneiro, de coleta de dados, junto às populações pobres. Na autoria de vários livros e artigos científicos, deixou marcado seu foco de interesse: o de transformar a Medicina Legal em especialidade médica afim de melhor relacionar a questão da degenerescência com a mestiçagem.

Na próxima seção teceremos considerações acerca do estudo de caso em Serrinha na Bahia, obra que reforça os argumentos surgidos nos primeiros estudos de Nina sobre a degenerescência do mestiço.

III.3 Reflexões sobre uma obra perdida de Nina Rodrigues: um estudo de caso em Serrinha (BA)

O artigo Mestiçagem, Degenerescência e Crime[32] publicado fora do Brasil, manteve e aprofundou as discussões que Nina Rodrigues desenvolvia, sustentado pela ciência racialista de sua época, acerca do negro e do mestiço no Brasil, podendo ser considerado como um verdadeiro trabalho etnográfico sobre Serrinha e sua população. Este estudo está dividido em cinco partes: 1- Discussão teórica sobre o conceito de mestiçagem; 2- Metodologia adotada e informações gerais sobre a região; 3- Observações diretas (estudo de casos); 4- Avaliações sobre o estudo de casos; 5- Crime.

Na primeira parte o autor apresenta estudos sobre mestiçagem a partir de: conceitos, discussões e divergências intelectuais. Esse item assinala o pioneirismo desse estudo, já que as teorias raciais propagadas, tanto na Europa como nos Estados Unidos, foram consumidas por grande parte dos nossos pensadores e, geralmente, não eram acompanhadas de experiências diretas com a população conforme o próprio autor assinala:

> *A mestiçagem humana é um problema biológico dos mais apaixonantes intelectualmente e que tem o dom especial de suscitar sempre as discussões mais ardentes. A questão da unidade ou da multiplicidade da espécie humana, do monogenismo e do poligenismo, que parece pertencer ao domínio das ciências naturais e apresentar um interesse pura e exclusivamente antropológico, provoca as ardentes disputas. No calor de debate, reconhecemos freqüentemente que nesta questão está contida outra, transcendente, filosófica, e até teológica: a da origem natural ou sobrenatural do homem, do transformismo ou da criação divina. Ao aceitar como critério fundamental da espécie a fecundidade indefinida dos cruzamentos, era natural que os poligenistas apoiassem o hibridismo dos cruzamentos humanos, contra os monogenistas, que se esforçavam por demonstrar a viabilidade perfeita de todos os indivíduos. Em tais condições, a utilidade de procurar resolver o problema através da observação direta e imediata é indiscutível (RODRIGUES, 1899, p. 1-5).*

Nina Rodrigues considerava o problema da mestiçagem humana de difícil compreensão e, marcado por muita discussão entre intelectuais monogenistas e poligenistas, principalmente até meados do século XIX. Esses homens eram autores de inúmeros tratados sobre a existência das diferentes raças e suas variações biológicas que serviam para marcar a superioridade de uns sobre outros. Dessa forma, aceitavam como critério fundamental da espécie a fecundidade indefinida dos cruzamentos. Era natural que os poligenistas apoiassem o hibridismo dos cruzamentos humanos, contra os monogenistas que se esforçavam por

[32] Tradução de Mariza Corrêa
Conforme o frontispício do artigo nos Archives d' Anthropologie Criminelle de 1899. O exemplar usado para esta tradução, cópia do existente na Faculdade de Medicina da Bahia, trazia uma dedicatória em francês, manuscrita para Alfredo Brito, na qual só é legível a palavra amitié, assinada por Nina Rodrigues, com data de 10 de janeiro de 1900. Abaixo, a informação sobre a editora: Lyon: A., Storck & Cie, Imprimeurs Éditeurs, e a data. (RODRIGUES, 1899, p.1)

demonstrar a viabilidade perfeita de todos os mestiços. Sobre a capacidade dos mestiços faz o seguinte comentário: [...] Assim, o critério da viabilidade e da capacidade dos mestiços foi posta no terreno das ciências naturais. Tanto como para os animais, esse critério deveria ser a perfeita eugenesia dos mestiços humanos, que uns apoiavam e outros negavam (RODRIGUES, 1899, p. 1).

Nina como médico e, principalmente como pensador social, na rotina de professor e na sua produção intelectual dedicava, com freqüência, à questão étnica grande atenção e estudo cuidadoso que deveria ser acompanhado de observação direta. Entendia que era preciso observar, conhecer, conviver e cuidar das populações para poder chegar à conclusões convincentes, ou não, sobre o problema da degenerescência do mestiço. Segundo Nina, o critério de viabilidade e de capacidade dos mestiços foi posto no terreno das ciências naturais. As tentativas de alguns pensadores, em explicar a relação entre mestiçagem, degenerescência e crime ganhavam fôlego a partir das últimas décadas do século XIX. A especulação passava a ser, para esses pensadores racialistas, se os mestiços se constituíam em um produto normal e socialmente viável, ou se, ao contrário, constituíam raças abastardadas, inferiores, uma descendência incapaz e degenerada (idem, p.2). Convém destacar o seguinte comentário de Nina:

> *A questão apresentava, evidentemente, duas faces distintas, uma social e outra médica, indevidamente destinadas a serem durante muito tempo vistas separadamente. A psicologia coletiva em suas especulações sobre o futuro e o destino dos povos, ocupou-se dela em primeiro lugar (RODRIGUES, 1899, p.2).*

É nessa trajetória, de realce da psicologia coletiva, que Nina Rodrigues empenhado em transformar a Medicina Legal em especialidade médica sofreu a influência de pensadores como Gobineau, Spencer, Gustave Le Bom e tantos outros que encontravam no mestiço as marcas da degenerescência. Como acentua Nina, nesse trabalho, era uma discussão marcada por pensamentos contraditórios. Gobineau, por exemplo, no trabalho que publicou, em 1855,[33] já fazia um quadro bem obscuro da decadência dos mestiços sul-americanos. Porém, Quatrefages[34] tinha uma opinião oposta, valorizando a miscigenação na América do Sul dando como exemplo a atuação “vitoriosa” dos paulistas no movimento bandeirantista.

O tema da degenerescência humana foi apresentado no segundo Congresso de Antropologia Criminal, em Paris, em 1889, quando Mme. Clémence Royer relacionou a mestiçagem influenciando o crime e, se mostrando surpresa porque, até então, o professor Lombroso- especialista em antropologia criminal- não tivesse alertado para esse fato. O que merece o seguinte comentário de Nina, reafirmando a importância de trabalhos empíricos sobre esse tema:

[33] Gobineau, Essai sur l’inegalitè des races humaines. Paris, 1855.
[34] Quatrefages, L’Unitè de l’espécie humaine. Paris, 1861.

> *Essa autora, no entanto, apenas expôs uma doutrina que ainda precisa ser bem documentada e apoiada por provas, já que essa é uma observação geral sobre a mestiçagem-, se as opiniões a favor ou contra seu valor são abundantes, as provas imediatas de sua ação, positiva ou negativa, estão comumente ausentes. E é notável que, ainda que os criminalistas antropólogos tenham admitido essa opinião, a documentação sobre essa questão continue a estar ausente nos trabalhos posteriores. (RODRIGUES, 1899, p.3)*

Dessa forma, considerava que o trabalho de campo em Serrinha, circunscrição administrativa do Estado da Bahia, contribuiria para tentar entender melhor as teorias racialistas de sua época, ou seja, fazer uma avaliação mais detalhada sobre a saúde física e mental de um grupo específico de pessoas já que considerava as informações existentes sobre o vigor físico e a saúde mental da população mestiça bastante fragmentado, podendo com isso ampliar as pesquisas que vinha realizando no campo da Medicina Legal e no estudo das raças reforçando a ideia da mestiçagem associada com a de degenerescência e crime.

Na segunda parte, indica que adotou para o seu trabalho a metodologia da observação direta justificando os motivos: a existência de pesquisas muito dispersas e pouco conclusivas sobre a população mestiça brasileira e sua relação com a decadência do povo e, ainda, a ausência de estatísticas que pudessem confirmar tal situação. Complementa:

> *As observações clínicas que registramos há vários anos nos levaram a fazer um julgamento muito favorável ao vigor físico e a saúde mental de nossa população mestiça. Mas até agora, este julgamento era fruto de observações esparsas, feitas a respeito de consulentes que podiam vir de pontos muito diferentes e criar séries ou seleções mórbidas de ocasião, sobre as quais não poderia julgar rigorosamente as condições de uma população. Eis porque resolvemos, apresentando-se a ocasião, submeter a uma avaliação mais específica uma circunscrição específica do Estado da Bahia. (RODRIGUES, 1899, p.6)*

Em seguida, faz uma descrição detalhada sobre os aspectos geográficos da localidade e da composição da população, predominantemente mestiça, e, conforme seu relato era similar ao de outras regiões da Bahia. Nesse trabalho empírico, Nina nos mostra um retrato da Serrinha, fazendo uma breve apresentação da região onde fez a sua pesquisa:

> *Esta circunscrição fica a 150 quilômetros do litoral, situada às margens de uma estrada de ferro que corta o centro do Estado. Pertence a zona árida dos gneiss, dos sertões da Bahia, estudada por Agassiz[35]; a 320 metros acima do nível do mar, tem um clima excelente, com duas estações anuais, estação quente e chuvosa e estação seca e fresca. O terreno é plano, ligeiramente acidentado. Falta água nesta parte do país, que só possui, por assim dizer, águas pluviais, recolhidas em grandes depósitos ou reservas artificiais. De acordo com os cálculos mais confiáveis, a população dessa circunscrição é de cerca de 10 a 12 mil habitantes, dois mil na cidade de Serrinha, que é local*

[35] Citação de Nina Rodrigues: Frederick Hart, Scientific results of a journey in Brazil by Louis Agassiz and his travelling companions. Geology and physical geology of Brazil. London, 1870.

> *central. Os habitantes dessa cidade têm fama de trabalhadores, pacíficos, e uma grande reputação de sobriedade. O consumo de cachaça é certamente alto, mas relativamente baixo se o compararmos ao do Brasil em geral, e sem dúvida muito inferior ao das capitais. (RODRIGUES, 1899, p. 6-7)*

Na descrição que faz sobre a cidade de Serrinha e sua população, destaca vantagens da região com relação ao Estado da Bahia e sua capital como por exemplo, os “bons ares” favoráveis à cura da tuberculose, ausência de endemias sérias, poucas epidemias de febre amarela e varíola que, segundo Nina, quando existiam eram importadas da capital. Porém, não deixa de lembrar que também havia um alto consumo de cachaça pela população; embora fosse inferior ao da capital e do Estado. Destaca casos frequentes de sífilis, ancilostomose, na região dos pântanos, deixando marcado nesse estudo que durante o tempo que permaneceu na região, esteve sempre atento aos casos de doença da população procurando estabelecer um diálogo entre as observações gerais e particulares que vinha realizando.

A escolha de Serrinha como lócus de estudo deveu-se, segundo Nina, ao preenchimento de condições fundamentais:

> *“estudar pequenas localidades, nas quais é mais fácil distinguir as diferentes causas degenerativas, na medida em que aquela população local não se distinguia, em nada, do tipo médio geral da província ou Estado; e, completar o estudo da capacidade social da população através do exame de sua capacidade biológica escalonada sobre sua história médica.” (RODRIGUES, 1899, p.5).*

Na apresentação da população estudada descreveu:

> *O tipo pardo, que reúne em proporções muito variadas as três raças, branca, negra e amarela, predomina. Em seguida vem, por ordem numérica, os mulatos mais ou menos escuros, em nuances muito variadas. Os negros são muito numerosos. Os indivíduos brancos, de boa cor muito clara e de cor, evidentemente mestiços de volta à raça branca são uma pequena minoria. Os curibocas (mestiços de negros com índios) são mais numerosos que na capital. Descendentes genuínos de índios são muito raros. (RODRIGUES, 1899, p.7)*

Nina Rodrigues relacionou os habitantes da cidade com as suas ocupações, destacando os métodos de trabalho, tipo de culturas, atividades econômicas, com predomínio da agricultura e da pecuária. Com relação à população rural a informação é de que, de certo modo, mantinham uma autonomia na produção alimentar; não encontrava mendigos entre eles; podendo garantir, a seguinte impressão, para o médico observador: “Se existe uma localidade na qual os mestiços brasileiros constituem uma população capaz de oferecer uma esperança para o futuro, é certamente Serrinha” (RODRIGUES, 1899, p.7). A esperança se desfez ao verificar, no contato diário, que, de uma maneira geral, as pessoas do lugar não tinham muito interesse pelo trabalho e nem a vontade de buscar uma vida mais confortável. Comentou que

raramente existia alguém com espírito empreendedor e quando aparecia, era pouco progressista. Portanto, Serrinha não era uma exceção à regra (RODRIGUES, 1899, p.7) apresentando os seguintes argumentos:

> *1- Se não padece de indolência invencível, como muitas outras, está longe de ser realmente trabalhadora. Adotam procedimentos de cultivo primitivo, cultivam apenas os produtos mais comuns: cerais, tabaco, mandioca. É disso que se ocupam as pessoas em pequena parte do ano, principalmente mulheres e crianças. Com relação à criação de gado adotam também um estilo rudimentar deixando os animais soltos nos campos a pastar voltando quase ao estando selvagem. Seus donos pouco se preocupam a não ser o de saber onde foram parar. Considera essa situação bastante apropriada para manter o gosto pela vida nômade nesse povo semibárbaro.*
> *2- A satisfação com a economia de subsistência. "Fica satisfeito assim que encontra o estritamente necessário para a vida cotidiana. Não trabalha além do necessário. "Entre os raros indivíduos que fazem exceção à regra, o espírito empreendedor é pouco progressista, sempre estreito e quase nulo. (RODRIGUES, 1899, p.8)*

A avaliação que Nina Rodrigues fez sobre a falta de interesse da população de Serrinha pelo trabalho, ou melhor, pela vontade de prosperar contempla uma visão da elite da época; tanto econômica, como intelectual: de que o trabalhador livre nacional não atendia às exigências do capitalismo. Daí a necessidade de incentivar a imigração europeia para o Brasil. Essa visão que ajudou a desqualificar o trabalhador brasileiro, quando comparado ao estrangeiro, ainda encontra adeptos na nossa sociedade.

Na parte três, a pesquisa ganha uma direção especial: o contato direto com a população. São suas palavras: "me propus a verificar se esta população, que sob todos os aspectos não se separa nem se distingue do tipo médio da população mestiça do Estado, tinha o vigor, a atividade que podemos esperar de uma população nova, saudável e fortificada pelo cruzamento." (RODRIGUES, 1899, p.8) Do seu ponto de vista, verificou que as condições de degenerescência estavam também presentes naquela população. Nessa etapa, tem início um trabalho em que relacionava saúde pública, sanitarismo e saúde mental entendidos por um viés racial, através de observação e cuidados médicos e da história oral (recolhimento de informações). Destacamos o seguinte encaminhamento:

> *Na tábua genealógica que vou esboçar, tentei representar a história médica dessa localidade tal como a pude reconstituir com os dados de minhas observações diretas e com as informações que recolhi cuidadosamente sobre pessoas ainda vivas. Ela compreende perto de seis gerações e demonstra, com uma eloqüência indiscutível, os acúmulos notáveis de uma tara hereditária degenerativa. Obrigado a omitir todos os esclarecimentos que pudessem tornar reconhecidas as pessoas, observei apenas que nessa tábua se encontraram apenas os indivíduos que foram atingidos por formas degenerativas tão evidentes que elas são reconhecíveis até pelo vulgo. (RODRIGUES, 1899, p.9)*

No artigo apresentou vinte e seis observações, ressaltando que a influência étnica aparece para marcar as situações de degenerescência, dois quais destacamos dois exemplos:

> *Observação II- Manoel, negro, trinta e oito anos, alto; desengonçado; diversos estigmas físicos de degenerescência; plagiocéfalo; fenda da pálpebra incompletamente aberta. Neurastenia sexual rebelde, hipocondria há mais de seis anos. Outro caso: Observação IV- Maria, mulata quase negra, trinta e seis anos, cinco filhos, trabalha no campo. Repugnância por qualquer trabalho, confusão mental, ansiedade, inquietações, desejo de correr pelos campos. Insônia rebelde de tempos em tempos. (RODRIGUES, 1899,, p.10-11)*

Todas as outras observações são muito claras no sentido de enfatizar que os casos de degenerescência eram mais frequentes entre os mestiços; embora apresente relatos de pessoas brancas ou quase brancas portadoras de males físicos e mentais. Nas suas observações utilizada termos que desqualificam o sujeito para uma vida em sociedade fazendo sempre uso da ciência como garantia das suas avaliações sobre a população em destaque:

> *Observação III- J..., 28 anos, mestiça branca, bem situada. Ocupa-se de trabalhos domésticos. Contaminada pela tara hereditária. Dispnéia, tremores, carapaça neraustênica, insônia, abulia, fobias e obsessões diversas. (p.10)*
> *Observação VIII- J..., quarenta anos, mulata clara, considerada cega há muito tempo. Simples blefarospasmo muscular bilateral (piscar sem parar), não doloso. As pálpebras estando abertas com a ajuda dos dedos, a doente pode ver perfeitamente. Estigmas histéricos, anestesia, ovário etc. Mãe de uma jovem que não pude ver e que tem acessos de histeria convulsiva, comum ou pequena histeria. (p.12)*

Destacou casos frequentes de epilepsia e fez anotações sobre seis casos observados em pardos, mulatos claros e escuros, negros e brancos além de afirmar que a degenerescência física e mental era excessivamente frequente “desde verdadeiras monstruosidades”, até simples “estigmas de degenerescência” como por exemplo: lábio leporino, palato fendido, surdo-mudez que se associavam a numerosas manifestações de degenerescência inferior. Não sabemos o que quis dizer como “manifestações de degenerescência inferior”. Talvez seja o caso das anomalias mais terríveis que apresenta e, segundo suas impressões: “As anomalias e monstruosidades sobre as quais conservei anotações... Diferentes casos de não viabilidade de recém-nascidos devido a esta causa chegaram a meu conhecimento e pude recolher alguns esclarecimentos a esse respeito” (RODRIGUES, 1899, p.12):

> *Observação IX.- Recentemente atendi a uma senhora de Serrinha atingida por um violento acesso de melancolia que sofreu após ter dado a luz a um monstro com hipertrofia cartilaginosa do tecido ósseo, bi-abdominal, com um encurtamento dos membros superiores encaixados no tórax. Natimorto-Completa: os casos de anomalia que também pude observar são importantes pelo número e por seu significado clínico. Na pequena cidade de Serrinha, vi oito crianças cujas anomalias apresentam os graus mais avançados de*

> *degenerescência física, resultados ampliados e gritantes de degenerescência familiar. (p,12)*
> *Observação XVIII. – G... trinta anos, mestiça branca. Laço de parentesco com a grande família estudada. Antes de casar teve um acesso de melancolia lúcida que durou vários meses. A gravidez se declarou pouco tempo após o casamento: ela dá a luz a um monstro do qual já falamos. Depois do parto, novo acesso de melancolia gemedora com sitiofobia opiniática que nos obrigou a recorrer durante vários dias à sonda alimentar, fazendo cateterismo do esôfago pelas fossas nasais. A doença persiste, a família se recusou a internar a doente. (p. 14)*

Muitos outros casos são apresentados relacionando pessoas da mesma família e de famílias diferentes que apresentavam as marcas da degenerescência indo da loucura as mais diferentes doenças, mas que nem sempre foi possível encontrar a origem da doença. As idades dos doentes contemplavam todas as fases da vida e algumas situações reapareceram no cotidiano de Nina Rodrigues nos seus trabalhos frequentes em asilos, prisões e candomblés em Salvador.

Na parte quatro do artigo, todos os casos de anomalias descritos por Nina foram avaliados, apresentando os argumentos onde tenta confirmar o fator raça como favorável à degeneração, principalmente entre os mestiços já que as raças puras (“branca, negra e vermelha”) se apresentavam em desvantagem, com tendência a desaparecerem na parte norte do país.

Apontava para condições climáticas favoráveis, pouca frequência de endemias e epidemias mas, nem por isso os casos de degenerescência física e mental entre os habitantes daquela região deixavam de existir, principalmente entre os mestiços, conforme ocorria em todas as partes da capital e do Estado; assim relata:” a sífilis e o abuso de bebidas alcóolicas devem ser vistos como responsáveis por uma boa parte das manifestações de degeneração e em nossas observações insistimos em enfatizar sua influência.” (RODRIGUES, 1899, p,16)

Com relação ao alcoolismo influenciando a degenerescência, afirma que isso pode ocorrer mas, que na verdade não é sua causa porque considera que o indivíduo já nasce com a tendência ao alcoolismo daí, a facilidade para o vício, segundo Nina, muito presente nas “raças inferiores”. Da obra de Feré, La famille névropathique destaca: “é preciso ser alcoolizável e não há quem venda a sede de bebidas fermentadas e continua... Podemos dizer o mesmo dos excessos venéreos, dos excessos do trabalho intelectual, etc, de tal modo que os hábitos viciosos que parecem as causas determinantes das psicoses, são em realidade os primeiros sintomas dum estado neuropático.” (RODRIGUES, 1899, p, 17)

Nina Rodrigues reforça, ao longo do texto, os estudos feitos por Lacassagne[36], sobre o peso da hereditariedade na explicação das anomalias**.** “Como fica evidente nesse estudo, não apenas existem em Serrinha várias famílias degeneradas sem laços de parentesco entre elas,

[36] Artigo Consanguinité, Dict. Encycl. Des Sciences, de Dechambre.

como vemos ainda a hereditariedade atravessar facilmente as barreiras do parentesco consanguíneo." (RODRIGUES, 1899, p,18)

Existiam muitas teses sobre a degenerescência dos mulatos que precisavam ser confirmadas como por exemplo: "Dixon afirma que a fecundidade dos mulatos se extingue na quarta geração" *(RODRIGUES, 1999, p. 19).* Segundo Nina, essa afirmativa do médico americano talvez servisse para retratar o mestiço afro-anglo-saxônico porquê de acordo com o levantamento feito em Serrinha até nas famílias mais degeneradas o número de filhos era bastante elevado; existiam famílias com dez, quinze e até um número maior de filhos. (p, 19-20) Admitia portanto, que a degenerescência das populações mestiças no Brasil se constituía num fenômeno muito complexo e que exigia pesquisa constante acompanhada de trabalho de campo.

Nina admitia que existiam mestiços superiores no Brasil, ou seja, aqueles dotados de comprovada inteligência, mas que não deixaram de apresentar sinais de "desequilíbrio e de frágil resistência física e moral". Era um estudo de caso que precisava ser levado em consideração. Apresenta alguns exemplos de homens de sua época, destacando: os três irmãos Rebouças e outros com seus desfechos de vida:

> *Os três irmãos Rebouças foram notáveis. Um deles foi médico e professor da Faculdade da Bahia; outro, engenheiro, foi professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro; o terceiro foi um eminente jurista. São eles citados entre nós como a negação mais formal da degenerescência dos mestiços. Mas esquece-se facilmente, ou finge-se ignorar, que o médico foi atingido pela loucura, e dela morreu, e que o engenheiro recentemente pôs fim a sua vida, recorrendo ao suicídio. Outro exemplo: Silva, também professor da Faculdade da Bahia, é um outro mestiço notável pelo talento, apresentando como prova notável do valor de sua mestiçagem. Ora, todos sabem que Silva morreu de uma mielite e sua degenerescência genésica que fazia dele um homossexual ativo é notória. O eminente Barreto, um dos nossos mestiços de maior valor intelectual, levou sempre uma vida desregrada e morreu em consequência dela. (RODRIGUES, 1899, p.20-21)*

Completa essa apresentação da seguinte forma: "outros mestiços se mostraram superiores em nosso país, talvez fosse fácil demonstrar sua degenerescência ou a existência de taras em suas famílias" (RODRIGUES, 1899, p,21) Prossegue suas reflexões sobre mestiçagem procurando estabelecer um diálogo entre alguns pensadores da época e os resultados que obteve de suas observações procurando firmar sua crença no fracasso da mestiçagem. Considera importante a opinião de Spencer em trabalho em 1875[37]:

> *Atualmente, todos os fatos confirmam inteiramente a opinião de Spencer, dada há um bom quarto século: "Podemos acrescentar aqui, escreveu ele, um problema geral de tipo diferente. Qual é o efeito da mistura de raças na natureza mental? Em todo o reino animal, temos razão para crer, todo cruzamento entre variedades que se tornaram muito estranhas umas às outras*

[37] Spencer, Essais scientifiques. La Psychologie comparée de l' humanite, 1875. Trad. Francesa de A. Bendon, Paris, 1879.

> *não produzem nada de bom fisicamente, ao contrário, a união entre variedades ligeiramente diferentes dá bons efeitos físicos. Será que o mesmo ocorre na natureza mental? (RODRIGUES, 1899, p,21)*

Para tentar justificar o pensamento acima, de que o cruzamento de "raças" muito diferentes não daria um bom resultado, terminou essa discussão apresentando quatro observações sobre as famílias do local, formadas por homens brancos (português, italiano e alemão) com mulheres mestiças e, tendo como resultado filhos, em sua maioria, com marcas visíveis de degeneração, do qual destacamos o caso envolvendo um alemão:

> *Alemão casado com uma mulata escura, cinco filhos. Um taciturno, concentrado, dissimulado. Outro alienado, esteve internado na Alemanha e no nosso asilo, um que parece normal e duas meninas nas mesmas condições. (RODRIGUES, 1899, p.25)*

O quinto e último ponto do artigo em questão, aborda o crime. Nessa sessão, encontramos ligações entre a obra *As raças humanas e a responsabilidade penal* que marcam a entrada de Nina Rodrigues no mundo da medicina legal e as observações feitas em Serrinha; com a intenção de ratificar o seu pensamento sobre o mestiço. Nesse caso, sua abordagem reforça o pensamento racialista do século XIX, dentro do ponto de vista da idéia de degenerescência das raças e atribuindo ao mestiço as maiores possibilidades da presença de caracteres físicos e morais do criminoso.

Segundo Nina, "a criminalidade dos povos mestiços ou de população mista como a do Brasil é do tipo violento: é um fator que nos parece suficientemente demonstrado" (RODRIGUES, 1899, p.27) através de estudos e observações diretas, (do caso XXXI ao XXXVI). Seguindo uma ciência positivista o médico maranhense atribuiu à degenerescência do mestiço uma grande propensão para o crime.

No estudo de casos que realizou sobre crimes ocorridos em Serrinha fez descrições detalhadas sobre os criminosos e as situações que os envolveram. Considerava reduzido o número de crimes em Serrinha, se fossem comparados com os cometidos pela população mestiça do país; embora afirme que os observados por ele e, que aparecem nesse estudo, apresentassem a marca bem forte da degenerescência. Há um caso de crime cometido por uma criança, com idade entre nove e dez anos, que mereceu um longo acompanhamento de Nina Rodrigues quando o criminoso já estava no presídio da capital[38].

> *Observação XXXI. – O menor José D' Araújo, de Santo Antônio das Queimadas, recolhido à casa de correção até completar dezessete anos [(*

[38] Consta em nota de pé de página a seguinte informação da pesquisadora Mariza Corrêa, responsável pela tradução do artigo que está sendo objeto de estudo. "O caso aqui vai transcrito conforme está em *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil,* pp. 189-193, Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957. Salvo outras pequenas variações, decorrentes da versão, as palavras ou trechos, entre colchetes constam do livro e foram omitidas na versão francesa, as palavras ou trechos entre asteriscos foram acrescentadas na versão francesa." (RODRIGUES, 1899, p.30)

> *artigo 13 do código penal do império)] por haver, na idade de nove para dez anos, assassinado o próprio pai, obrando com discernimento. Há mais de quatro anos conheço este *jovem* criminoso e tem sido sempre a mesma narração do seu crime, feita aliás sem revelar o menor o menor sentimento de pesar. A mandado do inimigo do pai, o qual lhe deu de recompensa uma moeda de quarenta reis, resolveu cometer o parricídio. (p.30)*

Prossegue a narração apresentando a ação do crime conforme o depoimento do criminoso. Por não ter tido acesso ao processo e não ficar satisfeito com tudo que sabia sobre o caso, resolveu dar continuidade aos estudos sobre o crime em questão. Da casa de correção, quando completou a maior idade, o réu foi transferido conforme a apresentação de Nina:

> *Transferido para esta cidade, *este criminoso precoce*, foi colocado na penitenciária para aprender o ofício de sapateiro. O tratamento moral que deveria receber naquele meio já produziu todos os seus efeitos naturais e lógicos, e a obra está completa. O *criminoso* tem dezoito anos, é ladrão, pederasta passivo, jogador, bêbado, um ser completamente desmoralizado, enfim, um incorrigível temível [...] É um pardo em que os caracteres do mulato e do mameluco estão bem combinados. (RODRIGUES, 1899, p.31)*

Disposto a dar continuidade aos estudos sobre o citado criminoso, Nina Rodrigues passou a fazer um trabalho cuidadoso de levantamento de dados que envolviam caracteres físicos e psicológicos do preso de acordo com a orientação científica que considerava correta. Nesse processo Nina Rodrigues adotou a prática da hipnose, de uso recente no campo da psiquiatria, para colher novas informações. Elegemos essa observação (XXXI) por considerarmos sua importância pela riqueza de informações e pela atualidade das situações num mundo ainda tão marcado pelo racismo. Seguem suas impressões:

> *A fisionomia do criminoso é sem expressão, tem aparentemente um ar de submissão que parece convencional; de fato é ele impassível referindo o crime em todas as suas minudências como se se tratasse da coisa mais natural do mundo. [Todavia nem faz garbo do crime, nem revela logo à primeira vista o cinismo do menor que fará objeto da observação seguinte.] Porque parte entram nesta conduta a perversidade congênita e o lapidamento da prisão, é o que não posso dizer. [Embora com dificuldade, consegui hipnotizar o criminoso e desde então] procurei indagar que influência podiam ter exercido no seu espírito a suposta ordem do inimigo do pai e do companheiro a quem imputa a sugestão do roubo. [Hipnotizado, revelou o criminoso] *Assim, tentei hipnotiza-lo, mas o criminoso logo confessou* que tal ordem nunca havia existido e que o verdadeiro móvel do crime havia sido a circunstância de ter ele, na ausência do pai, cortado um pé de mandioca e prometido um tio que assim que o pai chegasse lhe havia de comunicar o fato para que ele castigasse o filho. Foi, pois, para evitar o castigo que este cometeu o parricídio. Daí em diante [mesmo em vigília] o menor passou a contar-me o fato por este modo, confessando que tinha sido falsa a invenção de um mandante. [Também por este meio consegui] *Obtive igualmente* a confissão completa de seus hábitos pederastas que até então ele teimava em negar. (RODRIGUES, 1899, p.32)*

Durante longo período Nina Rodrigues cuidou desse caso sem, contudo, conseguir o êxito esperado com as práticas de hipnose, acusando o criminoso, em alguns momentos, de dificultar seu trabalho e de dissimulado. Por tudo que pode coletar através da conversa com o jovem criminoso deparou-se com uma situação de dúvida. Eis a questão: Era aquele rapaz um criminoso nato ou o meio foi o responsável pelos seus atos ilegais? Essa dificuldade de resposta apareceu por conta da falta dos grandes estigmas físicos de um criminoso nato. Porém, a frieza na narração do crime, a falta de arrependimento, tudo o levou a crer que se tratava de um criminoso nato. Nina conclui esse caso com o seguinte depoimento: “quatro anos após a publicação dessa observação, encontro em Serrinha uma parte da família desse criminoso, e pude me convencer que nesta criança a criminalidade nata é apenas a manifestação de uma degenerescência muito grave da família que, nele revelou-se pela obliteração moral, em seus primos se traduz nos defeitos físicos mais graves.” (RODRIGUES, 1899, p.33) Sobre essa família são apresentadas as manifestações físicas e mentais de vários de seus membros, como por exemplo, casos de manifestações teratológicas.

Seguem outras observações sobre crimes ocorridos em Serrinha quando de sua passagem pela cidade, e outros, em épocas diferentes, além do estudo sobre os criminosos. Procurava estabelecer uma relação entre a mestiçagem, degenerescência e o crime e a constatação da presença de pessoas da mesma família envolvidas em atos de violência reforçando o pensamento de que entre os mestiços havia uma tendência para o criminoso nato. O livro lançado em 1894 *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* inaugurou os estudos de Nina Rodrigues na área da medicina legal; enquanto que, o trabalho de campo realizado em Serrinha serviu para ratificar o seu pensamento a respeito da mestiçagem relacionada com o crime.

Nesse ponto, das investigações relacionadas com o crime, o citado médico reforçava a idéia de inferioridade do negro e do mestiço ratificando estereótipos com base numa ciência, determinista racial e climática, hoje, ultrapassada cientificamente. Porém, esse pensamento permanece no senso comum e está presente na contemporaneidade nas relações sociais quando diferentes atores repetem de forma preconceituosa concepções que remetem a justificativas da inferioridade do negro construídas no século XIX.

Recentemente nas ruas de um bairro da zona sul do Rio de Janeiro um grupo de classe média auto-denominado “Justiceiros” espancou e amarrou num poste um jovem negro de 16 anos. Esse caso foi amplamente debatido na sociedade carioca mas, inúmeros outros, semelhantes ocorrem diariamente em todas as partes do país. Continua viva a ideia do crime associado à raça.

Nossa intenção de poder construir uma sociedade em que as ralações sociais sejam mais justas exige a disposição para reavaliar criticamente um pensamento ultrapassado sob o ponto de vista científico, construído e admitido por muitos na passagem do século XIX para o

XX, e propor um olhar crítico para as questões estruturais[39] que levaram à desigualdade social tão marcante no Brasil.

[39] Uma ação política atual que merece destaque tem como tema central, Saúde da população negra- os males da desigualdade que está apresentado no artigo: BATALHA, Elisa.” Discriminação uma realidade- Relação desigual no acolhimento e no tratamento, índices de mortalidade mais elevados e estresse psicossocial gerado pelo preconceito afetam o cotidiano da população negra”, *RADIS*, ENSP, FIOCRUZ, n. 142, pp. 10-17. jul. 2014.

Conclusão

Quando elegemos o objeto de estudo da pesquisa que deu origem a essa dissertação de mestrado: o pensamento científico de Nina Rodrigues e a construção dos estereótipos com relação ao negro, pretendíamos dar conta de uma discussão sobre o pensamento racialista do século XIX pela visão da intelectualidade daquela época, especialmente a do médico e pensador social, o maranhense Raimundo Nina Rodrigues.

Conforme registramos nesse trabalho, o século XIX, assim como as primeiras décadas do século XX se constituíram em todo o seu percurso numa arena de discussões envolvendo "homens da ciência", que atuavam nos seus institutos de pesquisas, museus, faculdades de medicina e de direito, procurando atender às exigências do governo, fosse o imperial ou o da primeira República no sentido de darem respostas eficazes para a construção do Estado e do povo brasileiro dentro dos padrões da modernidade.

Adotamos o corte cronológico utilizado por Schwarcz (2010), em sua obra, *O espetáculo das raças* (1870-1930) para entendermos o sentido da produção das teorias de uma "ciência racialista", no estrangeiro, e de que forma essa ciência, embora adaptada aos trópicos, influenciou grande parte da intelectualidade brasileira. Nossa escolha em adotar o termo "pensamento racialista" no século XIX, de acordo com Appiah, a partir da leitura de sua obra *Na Casa de Meu Pai*, nos permitiu um entendimento mais ampliado sobre a discussão racial. Encontramos essa ideia não só entre aqueles que apresentavam o negro e o mestiço como "raça" inferior; como por exemplo, Silvio Romero, Nina Rodrigues, João Batista Lacerda, Oliveira Viana mas, também, conforme apresentamos nesse estudo, estava viva no intelectual e militante negro americano, Du Bois, que atuou das últimas décadas do século XIX até meados do século XX, sendo considerado um dos mais importantes ideólogos do pan-africanismo.

Porém, o pensamento racialista, a partir do início do século XX, de acordo com os princípios da Eugenia, que visavam promover a melhoria ou limpeza da "raça" humana, saneando e higienizando, separando ou segregando os indivíduos marcados pela degenerescência, para poder garantir a "pureza da raça", tomou a sua forma mais cruel: com a adoção de práticas racistas. São elaborados programas de saneamento e higiene pública, financiados pelo governo ou por ações filantrópicas, que passavam a ser introduzidos em vários países da Europa e da América Latina; inclusive no Brasil. Na Alemanha Nazista, durante a segunda guerra mundial, a prática de extermínio do "outro", o "não ariano" (de sangue impuro), passou a fazer parte da política do Estado.

No estudo sobre o papel das raças na construção do Estado e do povo brasileiro, a maioria da nossa intelectualidade absorveu e adaptou as teorias deterministas, centradas na

questão da raça e dos aspectos geográficos, que vinham da Europa e da América do Norte, para fazer uma análise sobre o futuro da sociedade brasileira. Alguns pensadores brasileiros como Manuel Bonfim e Alberto Torre fugiram dessa abordagem e se aproximaram daquelas idéias que estavam relacionadas com o combate às desigualdades sociais que ocorriam na parte sul do mundo. Essas vozes de crítica à ordem vigente foram pouco ouvidas. Saíram vitoriosos aqueles que apresentaram um projeto que deu um resultado "positivo" para o Brasil e para a elite brasileira ou seja: o que pode garantir progresso e civilização, através da valorização do embranquecimento da sociedade, tendo como estratégia o incentivo à imigração europeia para o Brasil. Conforme afirmou João Batista Lacerda, diretor do Museu Nacional (1895-1915), representante do Brasil, no I Congresso Internacional das Raças (1911): " o Brasil em um século estaria, salvo", ou seja embranquecido.

Com argumentos teóricos deterministas, racial e climático, Nina Rodrigues discordou da tese do branqueamento da sociedade brasileira conforme ficou demonstrado nesse trabalho.

Na trajetória de Nina Rodrigues como médico e pensador social autor, de vários livros e inúmeros artigos publicados em jornais como Gazeta Médica da Bahia, Brazil Médico e outras publicações encontramos como possibilidade o estudo das raças, principalmente da raça negra e mestiça. Seu compromisso mais forte com a pesquisa foi no campo da Antropologia criminal com a intenção de transformar a medicina legal numa especialidade médica, cabendo ao médico e não ao jurista a função de perito.

Foi pioneiro na adoção do trabalho de campo orientado pelas teorias do determinismo racial, vindas de fora, dando ênfase à Antropologia criminal, com o apoio da craniologia e frenologia que serviam de suporte para pensar a medicina, nas suas especialidades, no caso, a da Medicina Legal.

Nesse percurso, Nina Rodrigues foi confirmando estereótipos, com relação ao negro, através de uma ciência positivista da qual era adepto. Na época, não imaginava que estava fazendo um estudo sobre as "raças", principalmente a negra. Foram seus discípulos, principalmente Artur Ramos, um estudioso das culturas negras, que fugindo da visão biologizante sobre as raças e utilizando a cultura para explicar as sociedades africanas e afro-brasileira, encontrou na obra de Nina, informações valiosas sobre a população negra e mestiça na passagem do século XIX para o XX.

Das obras escolhidas para nossa pesquisa:1- *Contribuição para o estudo da lepra no maranhão (1888/1889),2- As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil (1894) e 3- Mestiçagem, Degenerescência e Crime (1899)* verificamos que existe um entrosamento entre elas e uma relação com a proposta intelectual de Nina; que era a de poder testar as teorias que considerava de base científica realizando pesquisa empírica para poder confirmar as teorias deterministas.

Em *Mestiçagem, Degenerescência e Crime*, logo na introdução do artigo, lançava o seguinte desafio:" muito se falava mas, pouco se convivia com as populações negras e mestiças para poder confirmar a sua degenerescência." Colocava em dúvida alguns trabalhos em congressos, que ocorriam no exterior, pela existência de lacunas relacionadas com observações diretas da população "não branca".

Verificamos, através de seus trabalhos, que representaram três momentos de sua carreira como médico e pensador social. O primeiro, está relacionado com o início de sua carreira, no Maranhão, que de acordo com a pesquisadora Mariza Corrêa, ficou conhecido como Doutor Farinha Seca, por tratar da população pobre de São Luís e fazer severas críticas ao tipo de alimentação do povo a base de farinha. No estudo que realizou sobre a lepra no Maranhão destacamos o viés racial que aparece no texto mas, não podemos deixar de marcar sua preocupação como médico sanitarista em relatar as condições de moradia, saúde, alimentação, daquele povo; além dos aspectos geográficos das áreas por onde a doença aparecia com maior ou menor intensidade. Estava, ali, com certeza, presente a influência que sofrera da Escola Tropicalista Baiana.

O segundo trabalho marca a sua entrada na área que vai se constituindo a de sua maior atuação: a da medicina legal, com a preocupação maior em estabelecer uma relação entre o doente e o crime e apontar para a necessidade de dois códigos penais: um para as "raças inferiores", incapazes de lidarem com o livre arbítrio e outro para a sociedade dos brancos. Era favorável ao aumento da menoridade penal. Importante lembrar, que essa discussão em torno do aumento da menoridade penal, está, hoje, em todas as mídias com apoio de uma parcela da sociedade brasileira que pretende, dessa forma, resolver o problema de delitos e crimes cometidos por crianças.

Quanto ao terceiro, serviu para verificar na prática adotando a observação direita e o estudo de casos o seu pensamento teórico sobre os efeitos da mestiçagem. No balanço geral que fez sobre as observações, dos inúmeros casos de doentes degenerados e de criminosos, não conseguiu integralmente assegurar a relação mestiçagem, degenerescência e crime. Alguns dos casos observados deixaram dúvidas e incertezas para o médico. Todas as observações apresentadas, nesse artigo, que tratam da situação da população de Serrinha aparecem de forma contextualizada; contribuindo para que tenhamos informações sobre a saúde e a vida, de um povo do interior do Estado da Bahia, que como dizia Nina Rodrigues, de nada se diferenciava daquele que vivia nos grandes centros; apegados ao vício, marcados pelas doenças degenerativas e pelo crime.

Nina Rodrigues foi um homem do seu tempo; a maioria dos intelectuais de sua época, com raras exceções, adotava um pensamento racialista; fosse pessimista ou otimista, conforme afirmarmos. No caso do citado médico, seu pensamento não foi dominante já que era contra a mestiçagem. Para confirmar suas ideias deterministas, principalmente, a racial,

dedicou grande parte do seu trabalho de pesquisa, procurando dar um viés “científico” aos estudos de casos, através de observações diretas que fazia junto às populações excluídas, com a intenção de confirmar as teses que estabeleciam uma relação entre: mestiçagem, degenerescência e crime. Dessa forma, acabou reforçando o racismo com relação ao negro e ao mestiço.

Referências Bibliográficas

Fonte primária

Publicações da Gazeta Médica da Bahia

RODRIGUES, Nina. Contribuição para o Estudo da Lepra na Província do Maranhão- pelo Dr. Nina Rodrigues, Ano XX setembro,1888; Ano XX Novembro de 1888; Ano XX Janeiro 1889; Ano XX Fevereiro 1889; Ano XX Março, 1889.

ANDREONI, João António. *Cultura e opulência do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s.d.

Fontes secundárias

APPIAH, Kwane Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura.* Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo- antissemitismo, imperialismo, totalitarismo.* São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

BATALHA, E. "Discriminação ainda uma realidade", *Radis*, ENSP, FIOCRUZ, n. 142, pp. 10-17. Jul. 2014.

BASILE, Marcello Otávio N. de C. O Império Brasileiro: Panorama Político. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora LTDA, 2000. pp. 188-301.

CARDOSO, Ciro F. S. A crise do colonialismo Luso na América Portuguesa 1750/1822. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora LTDA, 2000. pp. 111-128.

CASTRO, Celso. *Evolucionismo Cultural- Textos de Morgan, Tylor e Frazer*. 2ªed. Rio de janeiro: Zahar, 2009.

CORRÊA, M.; "Raimundo Nina Rodrigues e a "garantia da ordem social", *Revista USP*, n. 68, pp. 130-139, dez-fev. 2005-2006.

CORRÊA, M. "Nossos mulatos são mais exuberantes". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.15, n.4, pp. 1099-1103, out-dez. 2008.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola de Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013.

COSTA, S.; "O branco como meta: apontamentos sobre a difusão do racismo científico no Brasil pós-escravocrata", *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 28, nºs. 1/2/3, pp. 47-68, jan-dez. 2006.

DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal.* 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1958.

HOFBAUER, Andreas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HALL, Stuart. *Da Diáspora- Identidades e Mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

JACOBINA, R.R. e CARVALHO, F.M.; "Nina Rodrigues, epidemiologista: estudo histórico de surtos de beribéri em asilo para doentes mentais na Bahia, 1897-1904", *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.8, n.1, pp. 113-132, mar-jun. 2001.

MAIO, M.C.; "A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma Trajetória Científica", *Cadernos de Saúde Pública*, v. 11, n. 2, pp. 226-237, abr-jun. 1995.

MATTOS, Ilmar R. de. *O Tempo Saquarema: a formação do Estado Imperial.* 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.

MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e Sociedade: A consolidação da república oligárquica. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora LTDA, 2000. pp. 316-350.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. Disponível em: <http://www.ufmg.br/inclusaosocial>. Acesso em: 25 mai. 2010.

PEREIRA, Amilcar A. *O Mundo Negro- Relações Raciais e a Constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

RAMOS, Jair de S. e MAIO, Marcos C. Entre a Riqueza natural, a pobreza humana e os Imperativos da Civilização, inventa-se a investigação do povo brasileiro. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça como questão: História, Ciência e Identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 25-49.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil- de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2005.

RODRIGUES, N. “Mestiçagem, degenerescência e crime”. Lyon: A. Storck & Cie, Imprimeurs-Éditeurs, 1899. Tradução de Mariza Corrêa.

RODRIGUES, Nina. *As Raças Humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957.

SANTOS, Ricardo V. Mestiçagem, Degeneração e a viabilidade de uma Nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930). In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça como questão: História, Ciência e Identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 83-108.

SCHWARCZ, Lílian M. *Racismo no Brasil.* São Paulo: PUBLIFOLHA, 2001.

SCHWARCZ, Lilian. M.; “Quando a Desigualdade é Diferença: Reflexões sobre antropologia Criminal e Mestiçagem na Obra de Nina Rodrigues”, *Gazeta Médica da Bahia*, v. 76, n. 2, pp. 47-53, 2006.

SCHWARCZ, Lílian M. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil, 1870-1930.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHWARCZ, Lilian M. O espetáculo da Miscigenação. Revista do Instituto de Estudos Avançados, 8(20), jan./abr. 1994.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GAZETA MEDICA DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XX SETEMBRO, 1888 N. 3

DERMATOLOGIA

CONTAGIO DA LEPRA. INVESTIGAÇÕES HISTOLOGICAS E BACTERIOLOGICAS QUE DEMONSTRAM SUA NATUREZA PARASITARIA

(Continuação da pag. 60)

Neisser (1) fez a cultura dos bacillos da lepra em sóro de sangue com gelatina ou em ovos cozidos, de gallinha ou de pata, em estufas na temperatura de 37, a 38° C. O desenvolvimento é extraordinariamente lento. No curso de tres semanas o diametro de um nodulo do tamanho de um grão de milho tinha apenas duplicado por uma zona marginal delgada.

Experiencias de inoculação em animaes foram feitas por Neisser, Kobner, Hansen, Damsch, Campana, Profeta, Vossius, e outros.

Trabalhando sob a direcção de Koch, Kobner só obteve com as inoculações resultados negativos, comquanto empregasse processos variados, e variasse tambem a escolha dos animaes, experimentando até em macacos.

Hansen tambem, em macacos, não obteve resultado algum positivo.

Igualmente sem resultado foram as experiencias de Neisser, empregando fragmentos de nodulos leprosos ou culturas conservadas durante semanas em estufas.

Damsch conseguio, entretanto, por inoculações na camara anterior do olho, em porquinhos da India, uma impregnação da iris e do corpo ciliar com espessos cordões de grandes cellulas

(1) Histologische und bakteriologische, Lepra Untersuchungen. Virchow's Archiv. vol. 103, pag. 355.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA LEPRA NA PROVINCIA DO MARANHÃO

Pelo Dr. Nina Rodrigues

E' grande o interesse que no mundo scientifico tem despertado o estudo da lepra n'estes ultimos annos.

O empenho com que a sciencia busca attingir a solução do problema da curabilidade ou prophylaxia da lepra, por meio de um estudo proseguido ao mesmo tempo com ardor e enthusiasmo das questões attinentes a esse fim, taes como das causas da sua manifestação pela pathogenia e etiologia, dos meios de propagação pela herança e pelo contagio, dos effeitos curativos ou preventivos da therapeutica clinica, ou hygienica, dá exacta e completa ideia da importancia real do assumpto.

Felizmente, ao em vez do que tem succedido com outras questões, essa actividade exterior vae encontrando echo entre nós.

Os estudos sobre a lepra no Brazil proseguidos, ha alguns annos, com tenacidade pelo Sr. Dr. José Lourenço, já em 1882 nos derão um bom livro: « A morféa no Brazil, especialmente na provincia de S. Paulo », e o valor reconhecido do seu auctor auctorisa-nos a esperar d'elle novos trabalhos de igual merecimento.

Os profissionaes da Bahia, do Rio de Janeiro, de S. Paulo, particularmente os Srs. professor Pacifico Pereira, Drs. Silva Lima, Julio de Moura e Lutz tem procurado, cada um de per si, trazer ao esclarecimento da questão o valioso contingente dos seus trabalhos.

Apezar de tudo isso, porem, persistem grandes lacunas no conhecimento que temos da lepra no nosso paiz.

Desde a sua geographia real até as particularidades de evolução e manifestações clinicas, o conhecimento que temos da lepra no Brazil é, de facto, fragmentario.

A tentativa do Sr. Dr. José Lourenço em 1882, para estabelecer a geographia approximada da lepra no Imperio, deixou fóra

GAZETA MEDICA DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XX NOVEMBRO, 1888 N. 5

CLINICA CIRURGICA

Do Dr. M. VICTORINO PEREIRA

ENORME ANEURYSMA DA CAROTIDE PRIMITIVA DIREITA, INTRODUCÇÃO DE CORPOS ESTRANHOS, MORTE NO 9º DIA. (1)

A communicação que venho fazer-vos, e que se acha acompanhada da peça anatomo-pathologica demonstrativa é não só muito interessante pelas circumstancias que ella registra, como porque se prende a um assumpto que occupou larga e detidamente a attenção das sociedades sabias do velho.

E' um caso de aneurysma em que a ligadura e a compressão se haviam tornado impraticaveis e que só podendo ser tratado pela electro-punctura ou pela filipunctura, eu me decidi pelo ultimo destes dous methodos.

Eusebio Benedicto dos Santos, cabra, solteiro, com 37 annos, natural de Nazareth, operario, entrou para o Hospital a 14 de Setembro. Havia feito na vespera a viagem fluvial e maritima que o trouxe da terra do seu nascimento; apesar de extremamente fatigado viera em minha procura, a mandado dos medicos da localidade que haviam desesperado de poder salval-o.

Ha cerca de um mez que os seus incommodos tinham se aggravado por modo tal que elle não dispuzera mais de um momento de repouso. As dores intensas que soffria, a orthopnéa e a impossibilidade quasi que absoluta de deglutir que o atormentavam, fizeram-n'o declarar-me que se algum recurso não fosse tentado para allivial-o, que elle iria suicidar-se.

(1) Communicação feita á Sociedade Medica da Bahia.

menstruações, eu me proponho no tempo opportuno communical-o para complemento da referida observação.

Até hoje a paciente não tem soffrido das colicas uterinas de que era victima, mas ás menstruações habituaes no dia 2 de cada mez ainda se apresentam por habito do orgão, por tres a quatro dias; isso se dará ainda por alguns mezes, e os proprios mestres em suas observações fazem sentir esta particularidade.

Recife 7 de Novembro de 1888.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA LEPRA NA PROVINCIA DO MARANHÃO

Pelo Dr. NINA RODRIGUES

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

(Continuação da pag. 113)

Da comarca de Vianna, o Sr. Dr. Tolentino Machado (1) que ali clinicou por muitos annos e que diz lá abundar a lepra « espantosamente » escreveo o seguinte:

« Os lagos no inverno communicam entre si e com o rio, e uma grande parte d'elles mesmo durante o estio. Nunca seccam completamente no verão e durante o inverno se enchem desmesuradamente a ponto de transbordarem por esses immensos campos e assim os inundar, o que auxiliado pelas aguas extravasadas e levadas do rio Pindaré para esses logares, forma assim uma massa de infinita extensão d'agua estagnada, que avaliamos em trinta leguas quadradas pouco mais ou menos ».

Da cidade de Vianna diz o Sr. Dr. Cesar Marques (2): « as casas são mal construidas e baixas, sendo por conseguinte humidas e escuras e pouco ventiladas, facilitando assim a estagnação do ar saturado de miasmas deleterios, as ruas estreitas, não calçadas, cheias de lama e tortuosas, pelo que se tornão mal aquecidas e mal arejadas, mui principalmente cercada

(1) Tolentino Machado. Monographia das principaes affecções pantanosas, Maranhão, 1855, pag. 13.

(2) Cesar Marques. Diccionario Historico Geographico da provincia do Maranhão, Maranhão. 1870. Ast. Vianna, pag. 554.

GAZETA MEDICA DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XX *JANEIRO, 1889* *N. 7*

AS AGUAS INGLEZAS E A INSPECTORIA GERAL DE HYGIENE

A Inspectoria de Hygiene d'esta provincia publicou pela imprensa o seguinte curioso e singular aviso:

« — A mesma inspectoria recommendou aos medicos, pharmaceuticos e droguistas a circular da inspectoria geral de hygiene que manda que do 1° de Janeiro em diante fique prohibida a venda da agua ingleza contida em garrafas com a inscripção timbrada ou não de André Lopes de Castro, ainda que tenha outros rotulos, visto ser a formula secreta, explorada por uma mulher que se diz parenta e legataria do primitivo autor da referida agua. Que somente são licenciadas pela inspectoria geral de hygiene a *agua ingleza modificada pelo pharmaceutico* Freire de Aguiar, preparada na Côrte, e a de Ribeiro da Costa & C., em Portugal, *modificada pelo pharmaceutico* Antonio João Rozas, não podendo ser esta importada e vendida no imperio sem o rotulo—*Agua ingleza modificada pelo pharmaceutico Antonio João Rozas.*»

O gripho é do documento.

Fiquem sabendo, pois, os Srs. medicos, pharmaceuticos e droguistas, e o publico tambem, que a Inspectoria Geral de Hygiene do Brazil prohibiu a venda n'este paiz da Agua de Inglaterra, que tem o nome de André Lopes de Castro, fabricada em Lisboa ha mais de 150 annos, por ser a formula secreta; mas que, em compensação, elles podem dispôr á sua vontade ou contra ella, de duas *novas aguas inglezas*, uma fabricada em Lisboa, outra no Rio de Janeiro!

E o curioso é que, para todas essas classes, as *duas novas aguas* são tão secretas, ou talvez mais do que a primeira,

DERMATOLOGIA

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA LEPRA NA PROVINCIA DO MARANHÃO

Pelo Dr. NINA RODRIGUES

CAPITULO II

ETIOLOGIA DA LEPRA

(Continuação da pag. 210)

Summario. — Considerações geraes.— Contagio.—Herança. — Etiologia. Mesologia, clima, humidade, tellurismo etc.—Bromatologia.— Conclusões.

Acerca da natureza parasitaria das molestias contagiosas escreveu o professor Bouchard (1): « Esperemos que a prova positiva seja fornecida para aquellas em que a existencia do microbio não foi ainda demonstrada; receberemos sem admiração a noticia da sua descoberta e sem inquietação os retardos que se poderião oppôr a sua demonstração..... O papel do medico não é exclusivamente procurar o agente infectuoso, mas deve contar com elle. »

Em face ao problema da natureza da lepra não pode ser outra a posição actual dos medicos.

Confiada a solução do problema aos competentes, a medicina deve esperar que elles se pronunciem. Mas, contando com o microbio leproso, fica-lhe o encargo de determinar a parte do organismo no processo infectuoso, isto é, as circumstancias organicas e mesologicas que cream a receptividade morbida.

Acceitamos, de facto, em toda a sua plenitude a doutrina defendida pelos professores Jaccoud (2) e Bouchard, doutrina concisamente formulada pelo ultimo nos seguintes termos: «sem alteração previa da nutrição, o homem está ao abrigo da infecção. »

E agora se, como elle diz: «o medico deve se preoccupar com o agente infectuoso mas deve guardar uma grande parte

(1) Bouchard. Les auto-intoxications, Paris, 1887.

(2) Jaccoud. Leçons de clinique medicale faites á la Pitié. Paris, 1888.

GAZETA MEDICA DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XX — *FEVEREIRO, 1889* — *N. 8*

AS AGUAS INGLEZAS

ESBOÇO HISTORICO

As famosas *Aguas d'Inglaterra*, que encheram com a sua celebridade, e com o ruido das contendas entre os seus exploradores quasi dois seculos, teem uma historia extraordinariamente curiosa e interessante, qual a não terá talvez nenhum outro preparado pharmaceutico dos tempos modernos. Posto que pareça a sua historia tocar o seu periodo final, como dissemos no nosso precedente artigo, ella não está ainda terminada; e a occasião parece-nos opportuna para offerecermos aos nossos leitores os principaes factos e peripecias que se ligam á sua origem, e ás renhidas luctas que se travaram entre os individuos que fizeram d'aquellas aguas um ramo de negocio dos mais lucrativos, agora que o ex-Inspector Geral interino d'Hygiene julgou intervir officialmente na questão pelo modo já por nós apreciado no nosso ultimo numero.

O resumo que para aqui trasladamos, com a devida venia, é da penna de um distincto pharmaceutico portuguez, o Sr. Pedro José da Silva, tal qual o encontramos no seu importante livro *Historia da Pharmacia portugueza, desde os primeiros seculos da monarchia até ao presente*, Lisboa 1866; accrescentamos-lhe apenas algumas notas explicativas que podem esclarecer o leitor brasileiro que não esteja familiarisado com a litteratura medica portugueza do seculo passado e principio do actual.

Pela narrativa criteriosa, e pela apreciação imparcial do erudito historiador da pharmacia portugueza, verão os nossos

caso algum averiguando, ao que me conste, é provavel que alguns se tenham dado e passassem desapercebidos; o que a bem da profissão e da hygiene convém evitar.

Foram estas as considerações que me obrigaram a occupar com a observação acima a attenção d'esta Sociedade.

DERMATOLOGIA

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA LEPRA NA PROVINCIA DO MARANHÃO

Pelo Dr. NINA RODRIGUES

CAPITULO II

ETIOLOGIA DA LEPRA

(Continuação da pag. 314)

III. Ethnologia — (1) Entre nós é um trabalho dos mais difficeis e só incompletamente tentado até hoje o da descriminação, nas nossas estatisticas medicas, da influencia pathologica da ethnologia.

Nasce aqui a difficuldade da carencia absoluta em que nos achamos de conhecimentos positivos acerca dos productos de cruzamento das diversas raças que contribuirão e estão contribuindo para o povoamento do Imperio e d'entre os quaes a selecção natural terá de escolher aquelle que de futuro deverá revestir definitivamente o typo nacional.

Porque parte estão contribuindo as tres raças, branca ou européa, vermelha ou americana e negra ou africana para esse producto; entre quaes o cruzamento adquirio a capacidade eugenesica que lhe deve garantir a estabilidade futura: e em que sentido a paragenesia dos mestiços tende a attenuar a influencia de qualquer dellas, são outros tantos problemas momentosos de interesses e applicações, que da confissão entretanto

(1) Empregamos o termo ethnologia na accepção em que delle se serve Topinard.

GAZETA MEDICA DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XX — *MARÇO, 1889* — *N. 9*

AS AGUAS INGLEZAS

ESBOÇO HISTORICO

(Continuação da pag. 352)

Desde 1756 em diante até é creação da Junta do Proto-Medicato, as questões sobre a *Agua de Inglaterra* não tiveram significação para a classe pharmaceutica.

Mas logo nos primeiros annos da existencia da Junta começa a apparecer uma encruzilhada de successos bem singulares, que se verificaram durante trinta annos com varios episodios, e por tal sorte que é bem difficil pôr ordem á narração dos mais notaveis.

No tempo da Junta quem figurava como principal personagem na preparação da *Agua de Inglaterra* era um certo André Lopes de Castro, *sobrinho do dr. Jacob.*

Começaram os pharmaceuticos a preparar tambem a sua *Agua de Inglaterra.* Em 1786 João Antonio Pereira de Souza, que tinha o seu estabelecimento em Lisboa á Boa Vista, junto ao palacio de Lobo da Silveira, tira approvação da Junta para uma agua da sua composição. Em 1787 procede do mesmo modo o pharmaceutico de Lisboa, José Cardoso Rodrigues Crespo, que tinha o seu estabelecimento no Rocio de Lisboa, proximo á loja do Nicola.

Em 1794 o pharmaceutico militar José Francisco Borralho tambem tira approvação e licença da Junta para a agua feita por elle; e se limita por alguns annos a fazel-a só para o consumo dos hospitaes militares; pelo que recebe louvôres e é premiado.

A contar d'este tempo Lopes de Castro sustentou porfiada

DERMATOLOGIA

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA LEPRA NA PROVINCIA DO MARANHÃO

Pelo Dr. NINA RODRIGUES

CAPITULO II

ETIOLOGIA DA LÉPRA

(Continuação da pag. 368)

IV. Mesologia.—Acceitando, como acceitamos, a natureza parasitaria da lepra e a sua transmissibilidade pelo contagio, não podemos todavia, partilhar a opinião d'aquelles que, como o professor Leloir, chegam a recusar quasi que toda influencia etiologica á bromatologia e á climatologia.

O cosmopolitismo da lepra, que parece manifestar-se indifferentemente nas condições mais oppostas de clima, bromatologia e ethnographia, fornecendo um poderoso argumento em favor da sua natureza parasitaria e contagiosa, constituiu, é verdade, o maior embaraço e desespero d'aquelles que procuravam na influencia immediata dessas causas a razão pathogenica final da lepra. Tambem a diversidade e a multiplicidade dos conjunctos ou meios hygienicos em que se manifesta a lepra já os forçaram a reconhecer que o principio leprogenico não reside como entidade, ou virtude particular nem neste ou n'aquelle clima, nem neste ou n'aquelle alimento especial.

Mais acertados buscam hoje descobrir não um principio, mas a influencia leprogenica na desharmonia funccional que deveria produzir uma perversão bromatologica, consistindo na imprestabilidade dos alimentos usados, ou na sua falta de adaptação ás condições climatericas ou mesologicas do logar em que são servidos.

Por esta forma, em todos os climas todos os alimentos poderão produzir a lepra, desde que o desconhecimento, ou o descuramento das regras hygienicas da alimentação permittir que esta se perverta ou por impropriedade, ou por exclusivismo dos alimentos; ou se altere quer na quantidade, quer na qua-